

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

LUCAS EBBESEN

**O POVO NA TV:
O *ESQUENTA!* TE APRESENTA**

PORTO ALEGRE

2015

LUCAS EBBESEN

**O POVO NA TV:
O *ESQUENTA!* TE APRESENTA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Comunicação
Social, habilitação Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Maria
Lucia Pereira Gonçalves

PORTO ALEGRE

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado **O povo na TV: o *Esquenta!* te apresenta**, de autoria de Lucas Ebbesen, estudante do curso Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, de de 2015.

Assinatura: _____

Nome Completo da **Orientadora**: Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Lucia Pereira Gonçalves

LUCAS EBBESEN

**O POVO NA TV:
O *ESQUENTA!* TE APRESENTA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Comunicação
Social, habilitação Jornalismo.

Aprovada pela banca examinadora em: de de 2015.

Banca examinadora:

Prof^o. Dr. Álvaro Luiz Heidrich
(Departamento de Geografia/UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Nilda Aparecida Jacks
(Departamento de Comunicação/UFRGS)

Orientadora – Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Lucia Pereira Gonçalves
(Departamento de Comunicação/UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

À minha vó, Lorena, que fez eu ser que eu sou, que me educou da forma mais paciente possível e me ensinou o que era caráter.

À minha mãe, Denise, parceira de todos os momentos, que me deu os passos certos para seguir na vida, que se formou pouco antes de mim e viveu esse momento cuidando do único filho e trabalhando, que me acordou em vários momentos para escrever as letras que se seguem, que me deu café, me trouxe muitos chocolates e me mostrou que a vida é muito mais do que uma série de frustrações.

Ao meu pai, Edilson, que mesmo distante, sempre torceu por mim e acreditou que os meus sonhos seriam possíveis custe o que custasse, que levou a minha foto para os clientes no interior do estado para mostrar o quanto sentia orgulho do filho jornalista, que me ensinou a dançar e a encarar a vida com menos medo, que me mostrou que os caminhos não eram fáceis, mas importantes de serem seguidos.

Ao meu dindo, Wellingthon, que tanto me incentivou a estudar, que me inscreveu no sorteio do Colégio de Aplicação e assim me fez descobrir um mundo incrível de conhecimento, que tantas vezes me deu matérias de jornais pra ler com assuntos que poderiam me interessar, que ajudou a arrumar o meu quarto quando não conseguia respirar em época de final de semestre, que levou colegas e amigos em casa, que foi ao supermercado tantas vezes para satisfazer as minhas necessidades alimentícias.

À Tamara Andrade, que acompanhou como ninguém os difíceis momentos vividos ao longo destes quatros anos, que sempre me apoiou mesmo nas minhas decisões mais insanas, que me mostrou pela primeira vez os sentimentos mais bonitos que um ser humano pode ter, mas que a vida fez com que traçássemos rumos diferentes, o que não exime sua importância.

À Jéssica Weirich, amiga que suportou o meu distanciamento neste tempo todo, mas que nem por isso desistiu da nossa amizade, que me acompanhou sempre me brindando do seu ombro, que promoveu surpresas no meu aniversário, jantares na sua casa, bons diálogos sobre a vida e suas lições.

À Gabrielle Müller, que me suportou sendo um colega chato, que deixou os trabalhos para última hora como eu, que passou madrugadas comigo discutindo como seria a apresentação do dia seguinte e que agora vem a se formar junto comigo, quatro anos depois.

Aos amigos que perdi contato ou que pouco tenha falado, mas que, ainda assim, tem uma importância ímpar na minha vida: Amanda Bavaresco, Bel, Carol Cesconeto, Larry, Luíza, Manu, Nicholas, Tathi.

Às minhas mães do coração (Dona Ivone, Eloísa, Kaline, Karla, Lolô e Vera) por todo o apoio e incentivo que me deram ao longo destes anos todos. Aos meus avós de sangue, que mesmo distantes sempre acreditaram em mim. Aos meus avós do coração (Hilda e Wilson), que tanta alegria me deram com o compartilhamento de suas experiências. Aos meus tios Luiz Carlos e Maria de Lourdes, que sempre me deram tanto afeto. Às famílias Baioto, Ebbesen e Siqueira, que sempre me trataram tão bem. À família Silva, que, mesmo não sendo a do Lineu e da Nenê, sempre me divertiram tanto com suas histórias.

Aos meus professores, especialmente os do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, que tanto fizeram para que a educação do Brasil fosse um pouco melhor, que foram espelhos para eu seguir a carreira de docente que tenho construído atualmente.

Aos meus amados educandos do Pré-Vestibular Esperança Popular Restinga, que me enchem os olhos de emoção quando estou diante deles todas às sextas-feiras à noite, que me fazem cultivar um amor imenso a ponto de largar tudo o que tenho só para vê-los realizados.

À minha orientadora, professora Sandra Gonçalves, que aceitou orientar a minha proposta quando já não acreditava mais nela, que me emprestou incontáveis livros, que leu com apreço cada versão do trabalho, mesmo quando entregue em cima do prazo, mas que, principalmente, confiou em mim. Sem ela, este sonho não estaria se realizando.

Por fim, à Anne, pequena pessoa que dedico cada coisa de mais lindo que eu faço, que torci tanto para o que o seu nascimento ocorresse logo para encher o meu coração de alegria, e que, por isso, desejo que siga os passos que a façam a pessoa mais feliz do mundo. Mesmo distante, saiba que este seu irmão aqui estará eternamente disponível para tudo o que precisar, por mais que talvez não tenham te contado isso.

A todos aqueles que acreditaram/acreditam em mim de alguma forma. Mais do que um agradecimento, fica registrado aqui o desejo de felicidade plena a cada uma dessas pessoas.

RESUMO

O presente trabalho visa problematizar os aspectos culturais apresentados pelo programa *Esquenta!*, da TV Globo, a fim de identificar como a atração, enquanto um espetáculo televisivo destinado às classes populares, retrata o povo. Para isso, busca-se na Geografia o conceito de lugar como produto das relações humanas dotado de significados e sentidos. A partir de tais vertentes questiona-se, assim, o lugar do povo e sua espetacularização pelo *Esquenta!*.

Para tanto, noções de cultura, cultura popular e espetáculo também são abarcadas pela pesquisa. Além disso, faz-se um breve resgate histórico da televisão brasileira e um apontamento de alguns dos principais programas de auditório tidos pela crítica como “popularescos”. No que tange à aproximação com o conhecimento geográfico, a desconstrução do lugar e a construção do lugar do povo têm papel fundamental para o desenvolvimento do presente trabalho, a fim de encontrar tais elementos na análise da atração. Além da desconstrução do programa da TV Globo, a intenção desta pesquisa é a de associar duas áreas pouco relacionadas: os Estudos Culturais e a Geografia.

Palavras-chave: Cultura, Lugar, Televisão, *Esquenta!*, Regina Casé.

ABSTRACT

This work objectives to problematize the cultural view of *Esquentá!*, a TV Globo's program, to identify how this attraction shows the people, especially for being a program designed to the popular classes. For this, the present research captures the geographical concept of place as a product of the human relations gifted by meaning and senses. From such aspects, this work wonders the *Esquentá!*'s people place and your spettacularization.

So, impressions of culture, popular culture and spectacle are included by the research. Besides, this work does a short historical review of Brazilian television and an appointment of many show programs that were criticized by the media as folksy programs. Regarding the approach to geographic knowledge, deconstruction of the place and the construction of the people place have a fundamental role in the development of this work, in order to find such elements in the content analysis. Besides the deconstruction of TV Globo's program, the intention of this research is to link two little related areas: Cultural Studies and Geography.

Keywords: Culture, Place, Television, *Esquentá!*, Regina Casé.

LISTA DE FIGURAS

- Imagem 1 – Propaganda da empresa norte-americana General Eletric publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, na edição de 23 de fevereiro de 1952..... 21
- Imagem 2 – Primeiro programa foi ao ar no dia 02 de janeiro de 2011 e teve atrações musicais de diferentes estilos como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Zeca Pagodinho..... 35
- Imagem 3 – Dilma Rousseff e Regina Casé conversam em centro de reabilitação de Brasília em entrevista exibida no primeiro episódio da terceira temporada do *Esquenta!*..... 38
- Imagem 4 – Parte do elenco fixo do *Esquenta!*. Da esquerda para a direita: Douglas Silva, Mumuzinho, Regina Casé, Leandro Sapucahy e Arlindo Cruz..... 40
- Imagem 5 – Integrantes da Águia de Ouro e da Portela se enfrentam no quadro *Pedi pra parar, cantou*..... 42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Convidados do <i>Esquentar!</i> , no período 04 a 25 de janeiro de 2015, por atuação profissional.....	46
Gráfico 2 – Convidados do <i>Esquentar!</i> , no período 04 a 25 de janeiro de 2015, por naturalidade ou origem.....	47
Gráfico 3 – Tipos de atrações apresentadas pelo <i>Esquentar!</i> no período 04 a 25 de janeiro de 2015.....	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CULTURA	13
2.1 O QUE É CULTURA?	14
2.2 CULTURA POPULAR	16
2.3 CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO	18
2.3.1 O INÍCIO DA TV NO BRASIL	19
2.3.2 OS POPULARESCOS	22
3 LUGAR.....	25
3.1 O QUE É LUGAR?	26
3.2 DISTANCIAMENTO DO LUGAR	27
3.3 DESCONSTRUÇÃO DO LUGAR	28
3.4 LUGAR DO POVO	29
4 ESPETÁCULO X LUGAR DO POVO	33
4.1 METODOLOGIA	33
4.2 CONSTRUÇÃO DO <i>ESQUENTA!</i>	34
4.2.1 REGINA CASÉ	36
4.2.2 TEMPORADAS	37
4.2.3 ELENCO.....	38
4.2.4 ESTRUTURA	40
4.3 DESCONSTRUÇÃO DO <i>ESQUENTA!</i>	43
4.3.1 ARTISTAS CONVIDADOS.....	44
4.3.2 PARTICIPAÇÃO DA PLATEIA	48
4.3.3 ATRAÇÕES	50
4.3.4 INFERÊNCIAS.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Esquenta!: programa apresentado pela TV Globo, todos os domingos, por volta das 13h. Uma atração comandada pela atriz e apresentadora Regina Casé, conhecida por trabalhos televisivos anteriores ligados à cultura de periferia. No palco do programa, um elenco fixo composto por cantores de samba e pagode e comediantes conhecidos por seus vídeos na internet. Além deles, atores e atrizes da emissora, cantores, duplas e bandas musicais, e amigos da apresentadora fecham o time de convidados da atração – artistas esses diferentes a cada semana de exibição do programa. Também no estúdio, pessoas desconhecidas do grande público que se destacam por seu diferencial ou por suas histórias de superação. Muitas apresentações musicais – em torno de 15 por episódio –, entrevistas com os convidados e a participação da plateia nos quadros e temas abordados a cada semana. Tudo isso em um programa de uma hora e vinte minutos, gravado em aproximadamente seis horas.

Assim é o *Esquenta!*, da TV Globo, uma atração destinada às classes de renda média e baixa da sociedade brasileira, que se utiliza da cultura popular para atingir o seu público. Samba, funk, pagode, “churrasco na laje”, carnaval, histórias de ambulantes de praia, homenagem a passistas e baianas, integrantes da plateia na piscina do programa. Tudo isso compõe a atração e dá, ao próprio *Esquenta!*, o caráter de popular. Mas, por mais eclético que o programa se apresente, tal estruturação não o exime de críticas, tais como “baixaria”, “preconceituoso”, “imbecilizante”. Características essas atribuídas a outros clássicos programas de auditório da televisão brasileira, marcados pela utilização de pessoas mais pobres e com menos tempo de estudo para promover.

Preocupado em melhor compreender o programa, o presente trabalho busca inferir a forma como o *Esquenta!* se apresenta para o grande público: se como um espetáculo ou como um lugar do povo. Para isso, o trabalho é iniciado pela problematização do conceito de cultura, palavra vastamente utilizada, porém cujos significados são os mais distintos. Em seguida, tange-se a noção de cultura popular através da ideia de cultura de massa para, enfim, uma aproximação com a história da televisão brasileira. Ao final do capítulo, programas que marcaram a trajetória da TV no país, tidos como “popularescos”, são apresentados, destacando-se suas atrações e as críticas a eles atribuídas. Na etapa seguinte, busca-se definir o conceito de lugar, ampliando-o para seus processos de desconstrução e distanciamento e guiando-o para o surgimento de um lugar específico: o do povo. No quarto e último capítulo conceitual, apresenta-se a metodologia e uma análise feita sobre o programa a fim de propor inferências sobre o mesmo.

2 CULTURA

As relações humanas, em sua vastidão, criaram diversos tipos de práticas ao longo da história. Isso só foi possível graças ao comportamento gregário, social do homem, uma de suas principais características. Além de suas subjetividades, é por meio de sua inter-relação com a natureza, com a sociedade e com outros indivíduos que surgem os mais diferentes grupos e vivências. Distinções essas que ocorrem em todos os aspectos, inclusive no que tange as necessidades fisiológicas do organismo humano, como o sono e a fome. A tais diferenças se dá o nome de cultura.

Não bastasse a prática dos mais diversos hábitos – comportamentos aprendidos e repetidos constantemente – pelas mais distintas sociedades, estes regramentos sociais também são de caráter extremamente efêmero, mutável, transformador. A cada geração, novas práticas vão surgindo, enquanto outras caem em desuso. Assim, o ciclo cultural acaba interminável, o que leva até mesmo a um problema de conceituação do termo “cultura”, palavra geralmente utilizada para uma compreensão total de práticas cotidianas de um grupo de indivíduos.

Esse é o ponto de partida do presente capítulo: uma aproximação das mais distintas apropriações da ideia de cultura, desde a sua gênese até suas concepções mais básicas. Daí por diante, segue-se pelos conceitos de cultura popular e espetáculo, no intuito de se aprofundar, por meio da literatura, nas perspectivas daquilo que é considerado do povo e do que serve para entretê-lo. Por fim, aponta-se para um encontro do popular com a televisão, cuja abordagem se faz desde a gênese desta novidade tecnológica no Brasil até a apresentação de importantes atrações televisivas que se utilizaram do próprio público a fim de consolidar seus produtos, essencialmente marcados pela espetacularização da sociedade.

Na primeira parte deste capítulo, buscam-se as definições propostas por seus primeiros pensadores – Tylor, Boas e Durkheim, autores apropriados pelo professor francês Denys Cuche (2002). A seguir, colocam-se ideias mais contemporâneas de cultura como as trazidas por Eagleton (2005), Santos (2006) e Canclini (1983). Para uma melhor compreensão dos programas de TV tidos como popularescos, propõe-se uma conceituação de cultura popular através de Arantes (1988), aproximando-a das teorias da cultura de massa vista sob a ótica de DeFleur (1993) e Strinati (1999). Encerrando o capítulo, o surgimento da televisão no Brasil e a ascensão dos programas de auditório enquanto espetáculos de exploração da pobreza são vistos por meio de Braune (2007), Ribeiro (2010), Mattos (2010) e Sodré (1972).

2.1 O QUE É CULTURA?

Inicialmente aplicado à agricultura com o intuito de designar uma porção de terra cultivada, o termo “cultura” adquiriu um sentido figurado, de algo próprio do desenvolvimento do ser humano, durante o século XVIII (CUCHE, 2002). Nesse período, a definição francesa de cultura se aproximava muito da ideia de civilização, sendo geralmente utilizada como forma de distinção entre indivíduos de realidades socioeconômicas diferentes. Cultura adquire assim um sentido de propriedade, daqueles que a têm em relação àqueles que não a possuem, algo que distinguiria homens civilizados de homens atrasados. Assim, a cultura europeia estaria avançada em relação a outras culturas como a africana e a americana.

Pensadores alemães, por outro lado, buscavam na teorização da cultura uma negação da concepção francesa e uma forma de aproximação dos mais de dois mil estados autônomos que compunham a Alemanha na virada do século XIX¹. Aquém da ideia de superioridade, o sentido de cultura servia especialmente para “expressar uma unidade viva daquela nação não unificada politicamente, servia para falar de todos os alemães na falta de uma organização política comum” (SANTOS, 2006, p. 27). Desse modo, a definição se aproxima do conceito de nação, ligando-se a aspectos como língua, bandeira, hino, pretendendo uma ideia de identidade compartilhada.

Essa construção alemã de cultura vinculada às práticas humanas permite o nascimento da etnologia, uma ciência destinada a encontrar uma unidade entre todos os homens, ressaltando, através de duas distintas correntes, ora sua evolução, ora sua diversidade. Pautado nesse último aspecto é que se desenvolvem os trabalhos de Edward Tylor, Franz Boas e Émile Durkheim, expoentes da Antropologia e da Sociologia, trazidos na obra de Cucho (2002).

Enquanto Tylor, considerado o primeiro estudioso a teorizar o conceito de cultura², acreditava que todos os seres humanos eram seres de cultura e que cada povo tinha uma contribuição a dar rumo ao progresso, Boas sugeriu a ideia de “culturas” no plural por não entender a existência de leis universais no funcionamento das sociedades. O autor teuto-americano foi o primeiro a se preocupar com a observação dos agentes sociais, sendo o inventor da etnografia, método monográfico próprio da Antropologia. Já Durkheim,

¹ Conferir ELLWEIN, 1996.

² “Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.” (TYLOR *apud* CUCHE, 2002, p. 35).

preocupado em compreender o social como um todo, levantou a hipótese de uma consciência coletiva que atuaria sobre a personalidade de cada indivíduo.

Retomar os primeiros estudiosos que refletiram sobre o tema é fazer um resgate de uma discussão pautada ainda nos dias atuais. Apesar de suas principais ideias partirem da Antropologia e da Sociologia, os Estudos Culturais são apropriados por diversas áreas do conhecimento como a Comunicação, a Filosofia, a Geografia e a História, o que leva às mais diferentes concepções sobre o assunto. Santos (2006) as sintetiza em duas: de um lado, cultura pode remeter a todos os aspectos que compõem a realidade social, características que identificam os modos de conceber e organizar a vida e seus aspectos materiais em sua totalidade – a exemplo da cultura inglesa, da cultura camponesa, etc. Em outro viés, cultura também remete ao conjunto de ideias, crenças e conhecimento de um povo, também partindo de sociedades em sua amplitude, mas focando especificamente naquilo que ela produz – sendo possível dividi-la em tradicional e alternativa.

A vasta abrangência da “cultura”, que pode ser caracterizada tanto pelos aspectos do modo de vida como pelos conhecimentos de um grupo social, leva à inferência de que, em geral, o termo remete a algo simbólico, distante da ideia de natureza. Independente do ponto de vista em que é conceituado, o termo “cultura” aparece sempre como algo dotado de sentido. Assim, sua síntese pode ser definida como

produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. (CANCLINI, 1983, p. 29).

Além de sua vinculação ao modo de vida ou às crenças de um povo, cultura também pode adquirir uma conotação especificamente ligada às artes, podendo incluir atividades intelectuais no geral ou limitar-se a atividades mais “imaginativas” como a música, a literatura e a pintura (EAGLETON, 2005). Assim, pessoas cultas são aquelas que possuem cultura nesse estrito sentido. Essa noção, em especial, está muito presente no senso comum. Habitualmente, ouvem-se críticas a estilos musicais e gêneros televisivos por meio de rótulos como “produto de baixa cultura”. Tal ponto de vista busca

rejeitar o “humano”, [...] rejeitar o que é genérico, ou seja, *comum*, “fácil” e imediatamente acessível, e, em primeiro lugar, tudo o que reduz o animal estético à pura e simples animalidade, ao prazer sensível ou ao desejo sensual. (BOURDIEU, 2007, p. 35).

Desse modo, surge uma cultura popular em oposição a uma cultura elitizada em que produtos tidos como simples se distinguem de obras dotadas de uma produção consagrada. Assim, parte-se para uma necessária conceituação do que se pode entender como cultura popular.

2.2 CULTURA POPULAR

Do latim *populare*, o termo “popular” remete à palavra povo, ou seja, a uma totalidade de pessoas, dando a ideia de massa, de aglomerado, de coletivo. Em outro sentido, popular também pode adquirir uma conotação segregadora, sendo seus produtos considerados como algo pobre, tosco e grosseiro (ARANTES, 1988). Outras teorias apontam a cultura popular como as formas de saber antigas, tradicionais, associadas à ideia de nação. Aqui, seu significado permeia a ideia de folclore – histórias, lendas, formas de organização precedentes às que atualmente regem uma determinada sociedade.

As mais variadas utilizações da expressão “cultura popular” apontam para a diversidade do termo, numa tentativa de interpretar aquilo que é considerado do povo ou para o povo. Tal discussão ganha ainda mais espaço especialmente nas décadas de 1920 e 1930 com a ascensão dos meios de comunicação de massa. Nesse período, o rádio de Guglielmo Marconi e o cinema dos irmãos Lumière chegam aos mais diversos espaços geográficos, principalmente em países da Europa e da América da Norte, exigindo de ambos uma linguagem mais simplificada, que possa chegar ao maior número de pessoas possível, a fim de aumentar a difusão de mensagens e, conseqüentemente, as receitas.

No início do século XX, o cinema passou a ser visto como uma forma de entretenimento familiar. Com a destruição do continente europeu após a Primeira Guerra Mundial, a indústria norte-americana se fortaleceu e impulsionou sua produção. DeFleur (1993) coloca que é justamente durante esse período que o cinema amadurece. A distribuição de filmes mudos serve como mote para esse processo, já que, para a exportação de películas, bastava apenas a alteração de subtítulos. Assim, mercados de regiões remotas passaram a exhibir filmes com legendas nos mais diversos idiomas. Quando a população não era alfabetizada, a apresentação incluía a presença de um narrador.

Posterior à ascensão do cinema, o rádio atingiu sua era de ouro nas décadas de 1930 e 1940, justamente no período entre a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Receptores se difundiam especialmente pelos Estados Unidos. Durante uma época em que a economia andava mal e a sensação de uma nova guerra aumentava, o rádio serviu para

aplinar os sentimentos daqueles que penavam, já que “tinha música para restaurar seu ânimo abatido, gente engraçada para animá-los, e notícias espetaculares para desviar-lhes a atenção de problemas sociais” (DEFLEUR, 1993, p. 125).

Não muito depois – no final dos anos 1940 –, a televisão desponta em uma rápida difusão mundo afora. Apesar de seu desenvolvimento transcender entre o final do século XIX e toda a primeira metade do século XX, o sistema de televisão só se pulveriza e alcança importantes conquistas após a Segunda Guerra Mundial, tanto na Europa como nos Estados Unidos (ABREU, 2012). A televisão inaugura, assim, um processo de transmissão da imagem e do som – típico do cinema –, aliado à ocorrência do ao vivo – marca do rádio. Mais do que nunca, viu-se a necessidade de encontrar uma linguagem comum, simples, acessível, direcionada a grandes públicos. As práticas cotidianas, até então apresentadas visualmente pelo cinema e pela fotografia, e sonoramente pelo rádio, passam agora a ser encenadas por agentes televisivos que transformam, gradativamente, sua produção em uma indústria.

A industrialização e a comercialização da cultura para uma massa de consumidores eleva o número de estudos acerca da denominada cultura de massa, tida como

uma cultura padronizada, repetitiva e superficial, que celebra os prazeres banais, sentimentais, imediatos e falsos em detrimento dos valores sérios, intelectuais, tradicionais e autênticos. [...] A cultura de massa carece de desafio e de estímulo intelectuais, preferindo a complacente comodidade da fantasia e do escapismo. Rejeita o esforço do pensamento e cria sua própria resposta emocional e sentimental, em vez de solicitar que o público pense, esforce-se e elabore suas próprias respostas. (STRINATI, 1999, p. 30).

Sob essa ótica, a cultura popular é entendida como aquilo que é reproduzido pelos meios de comunicações de massa. Por serem dirigidos a um grande público, sem sua exata precisão, na maioria das vezes, o cinema, o rádio e a televisão passam a ser vistos como suportes de representação popular, já que acabam por ser, em muitos casos, as únicas fontes de informação de uma grande parcela da população.

Eco (2008) recorda que esse é um momento histórico preciso no qual as massas também são protagonistas na vida associada, coresponsáveis pela coisa pública. Mesmo com características próprias, sabe-se que a chamada cultura de massa e seu modo de pensar e se divertir não vem de baixo, mas sim, dos códigos recebidos pela classe hegemônica. Consomem-se os modelos culturais burgueses, mas adaptando-os para uma expressão autônoma própria. Muitos programas de televisão atuais, por exemplo, são cópias adaptadas daquilo que é consagrado no exterior.

É justamente a TV, em especial, a que mais congrega essa massa, atualmente. É ela que possui uma espécie de monopólio da formação intelectual de um grande contingente de pessoas. Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (2014) mostram que a televisão é o meio de comunicação mais utilizado pela população. Os números apontam que 73% dos brasileiros assistem-na todos os dias da semana, principalmente para se informar (79%), se divertir (67%) e para passar o tempo livre (32%)³.

Ora, é natural assim que na programação dos canais de TV aberta, destinados a públicos genéricos, devam caber os mais diversos gêneros de programas possíveis (jornalísticos, esportivos, de entretenimento). Essa prática visa atender aos anseios do público que liga o aparelho, especialmente daqueles que procuram distração. Desse modo, buscam-se apresentar, principalmente, programas de entretenimento que vão desde a fofoca, perguntas e respostas, novelas, seriados até *reality shows*, cujas linguagens permitem um maior alcance do telespectador e, conseqüentemente, garantem sua presença em frente ao televisor. Mas, segundo Bourdieu (1997), quando se insiste em atrações de variedades perde-se o tempo limitado da televisão com o vazio, com o nada ou quase nada, afastando-se informações importantes que auxiliem no exercício da democracia e cidadania. Tende-se assim a uma espetacularização daquilo que é veiculado, a fim da audiência e da fidelidade do telespectador. Na história da televisão brasileira, diversos são os casos de programas cujo mote era fazer da vida um espetáculo.

2.3 CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO

Chacrinha, Hebe Camargo, Dercy Gonçalves, J. Silvestre, Flávio Cavalcanti, Sílvio Santos. São muitos os nomes da história da televisão brasileira conhecidos por apresentar grandes programas de auditório. Atrações que misturavam músicas, entrevistas, brincadeiras, famosos conhecidos do rádio e calouros em busca da fama. Foi de maneira improvisada que surgiu a TV no Brasil. Entre os programas mais assistidos pelo público durante esse período estão *Discoteca do Chacrinha*, *Noite de Gala*, *Hebe*, *Dercy de Verdade* e *Programa Sílvio Santos*, atrações que conquistaram o público, mas que também sofreram duras críticas por parte da imprensa durante sua exibição.

³ A pesquisa aponta que 42% dos brasileiros dizem utilizar mais a internet, um índice próximo ao dos 46% que afirmam usar mais o rádio. Ainda assim, muito distante dos 93% que colocam a televisão como meio de comunicação mais utilizado. A mesma amostra coloca que “apesar da sua crescente importância, é alto o percentual de entrevistados que ainda não utiliza a internet (51%).” (PESQUISA, 2014, p. 49).

Este cenário de espetáculos da televisão brasileira tem início desde a gênese da TV no país. Grandes produções que passaram a criar representações de pessoas, especialmente dos mais pobres, a fim de conquistar mais e mais audiência. Assim, as classes economicamente mais baixas da população conseguiriam se identificar com aquilo que era retratado por tais programas, afinal o “espetáculo é o momento em que a mercadoria *ocupou totalmente* a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo.” (DEBORD, 1997, p. 30).

Dramas, conflitos de família, pessoas em busca de fama e prestígio, tudo isso ganhou espaço nas produções televisivas brasileiras. Espetáculos que chegavam a durar nove horas com o intuito de divertir o público às custas do sofrimento e da submissão alheia. Atrações essas que muitas vezes serviram também como forma de distração de uma população que sofria com as faces de um regime autoritário, que ficou à frente do governo por longos 21 anos. Assim, a TV cresceu e se desenvolveu no país.

2.3.1 O INÍCIO DA TV NO BRASIL

O ano de 1950 é marcado pela primeira veiculação televisiva no Brasil. Trazida pelo jornalista Assis Chateaubriand, dono do grupo de comunicação Diários Associados, a TV chega ao país com um atraso muito pequeno diante de Estados pioneiros no segmento como Estados Unidos, França e Inglaterra⁴. A primeira emissora brasileira, a TV Tupi Difusora de São Paulo, foi inaugurada em 18 de setembro daquele ano em um programa ao vivo transmitido da sede da empresa. A falta de aparelhos no Brasil, o limitado alcance da transmissão e os elevados preços dos receptores fizeram com que poucas pessoas pudessem assistir ao primeiro programa veiculado pelo canal, o *TV na Taba*.

No dia “D” – 18 de setembro de 1950 –, o bispo Dom Paulo Rolim Loureiro tacou água benta nas câmeras e o jornalista Assis Chateaubriand fez um discurso empolgado, numa cerimônia que levou duas intermináveis horas. Em vez de uma cantora ou atriz, a madrinha da televisão foi a poetisa Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti, que brindou a todos com uma saraivada de versos de sua autoria. Quando menos se esperava, uma das três câmeras pifou. [...] Ainda assim, o público aguentou uma hora de atraso. Às 21h, a atriz Yara Lins colocou seu rostinho no ar e anunciou que a PRF-3 TV Difusora estava abrindo seus trabalhos. A Hebe Camargo coube o abacaxi que seria cantar o “Hino da TV”. Porém, dizendo-se resfriada, ela deu bolo. Sobrou para Lolita Rodrigues a tarefa de entoar a pomposa letra especialmente composta. [...] Às 23:30h, sem qualquer intervalo que permitisse ao telespectador uma ida ao banheiro, terminava cheio de glórias o histórico *Show TV na Taba*. (BRAUNE, 2007, p. 24).

⁴ Inglaterra (1936), Estados Unidos (1939) e França (1947) foram os pioneiros a promover um serviço de televisão aberta diária (BRAUNE, 2007).

Logo em seu início, a televisão brasileira já ficava marcada pela improvisação. Além das limitadas instalações, não havia ainda na época o videotape, que poucos anos depois permitiria a gravação de programas para posterior vinculação – tudo era feito ao vivo. Na TV Tupi Difusora, musicais, teleteatros, programas de entrevistas e um noticiário compunham a programação veiculada das cinco da tarde às dez da noite para São Paulo (RIBEIRO, 2010).

Os primeiros canais de televisão surgem especialmente ao longo da década de 1950. Após a inauguração da TV Tupi Difusora em São Paulo, nascem emissoras como a TV Tupi do Rio de Janeiro, a TV Record de São Paulo e a TV Jornal do Comércio de Recife. A rede de transmissão de imagens chega às principais capitais do país, especialmente após a segunda metade dos anos 1950.

Emissora	Ano de inauguração	Local
TV Tupi	1950	São Paulo
TV Tupi	1951	Rio de Janeiro
TV Paulista	1952	São Paulo
TV Record	1953	São Paulo
TV Rio	1955	Rio de Janeiro
TV Itacolomi	1955	Belo Horizonte
TV Cultura	1959	São Paulo
TV Excelsior	1959	Rio de Janeiro
TV Piratini	1959	Porto Alegre
TV Brasília	1960	Brasília
TV Ceará	1960	Fortaleza
TV Itapoan	1960	Salvador
TV Jornal do Commercio	1960	Recife
TV Mariano Procópio	1960	Juiz de Fora
TV Paraná	1960	Curitiba
TV Rádio Clube	1960	Recife
TV Tupi	1960	São José do Rio Preto

Quadro 1 – Canais de TV em atividade no Brasil entre 1950 e 1960

Durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), o Brasil passou por um acentuado processo de industrialização e, conseqüentemente, de migração do campo para a

cidade⁵. À medida que crescia a população nas grandes cidades, aumentava também o público que tinha acesso à propaganda, seja por meio de rádios, jornais ou revistas. Ribeiro (2010) e Mattos (2010) recordam que o advento tecnológico era anunciado como o “invento revolucionário da eletrônica” e destacado pela imprensa como um novo e poderoso e instrumento. Ainda assim, algo que se limitava à imaginação de grande parte da população.

É a partir de 1951 que o Brasil passa a contar com a própria fabricação de televisores, da marca Invictus, o que facilitou o processo de aquisição de aparelhos. Rapidamente, outras empresas do ramo de eletroeletrônicos, como a General Electric, começaram a estimular a compra de TV's como elementos de garantia da união da família⁶. Além disso, o acesso ao crediário e a crescente difusão de canais pelo país aumentaram, gradativamente, a presença de televisores nos lares brasileiros. Enquanto em 1950, havia apenas os 200 televisores contrabandeados por Assis Chateaubriand, em 1961, o número de televisores em uso chegava a mais de um milhão.

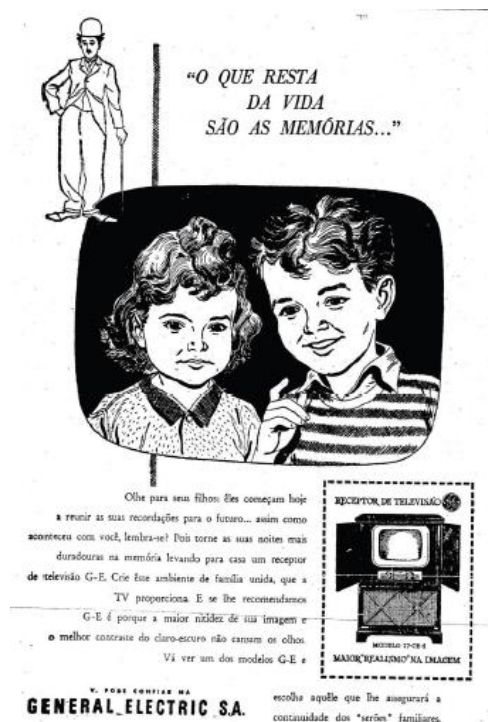


Imagem 1 – Propaganda da empresa norte-americana General Eletric publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, na edição de 23 de fevereiro de 1952⁷.

⁵ Em 1940, a taxa de urbanização no Brasil era de 31,2%. Dez anos depois, o índice aumenta para 36,2%. Nos anos 1960, o número sobe para 44,7%, atingindo 56% na década de 1970.

⁶ Conferir Imagem 1.

⁷ Texto veiculado no anúncio: “Olhe para seus filhos: eles começam hoje a reunir as recordações para o futuro... assim como aconteceu com você, lembra-se? Pois torne as suas noites mais duradouras na memória levando para

Com o início do período ditatorial, em 1964, o governo militar passou a ter um maior controle sobre a produção televisiva, mas manteve a iniciativa de incentivo à compra de aparelhos, ampliando o acesso ao crediário e reduzindo seu preço. Em 1970, ano da primeira transmissão de uma Copa do Mundo no Brasil, o número de televisores já ultrapassava os cinco milhões. A iniciativa atendia à estratégia de conjugação de um projeto nacional promovida pela Doutrina de Segurança Nacional da Escola Superior de Guerra (ESG). Dessa forma, “a indústria de TV assumiu um importante papel de legitimação das novas propostas, [...] para promover suas ideias sobre segurança nacional e modernização das estruturas econômicas e sociais do país.” (JAMBEIRO, 2001, p. 73).

Durante o regime militar, o governo passou a financiar empresas de comunicação de massa e a atrair investimentos estrangeiros em busca de melhorias tecnológicas para o país. Em 1967, é criado o Ministério das Comunicações, e, em 1969, são instaladas as primeiras estações terrestres de satélite em Tanguá, no Estado do Rio de Janeiro. Com tantos incentivos, as emissoras de televisão passaram a investir em uma linha de programação cada vez mais popular para atender as preferências do novo público – as classes C e D. (FREIRE FILHO, 2005).

2.3.2 OS POPULARESCOS

Uma importante tecnologia chegava ao Brasil no final da década de 1950: o videoteipe. A inovação permitia a gravação de um programa e sua veiculação em um momento posterior. A televisão, que até então se fazia somente ao vivo, passava a contar com o novo adereço. Além de ocultar os mais diversos erros que iam cotidianamente ao ar, o videoteipe garantia a circulação das atrações pelo país, em um sistema de televisão totalmente desintegrado (anterior à instalação dos satélites).

Os populares teleteatros tornaram-se novelas com capítulos anteriormente gravados, os jornais passaram a exibir matérias e repeti-las ao longo da programação. O videoteipe permitia o armazenamento e a reprise de transmissões em horários e, até mesmo, estados diferentes (BRAUNE, 2007). Na contramão disso, os programas de auditório se consolidavam através do improviso numa receita que passou a ser alvo de duras críticas durante a década de 1960. Tais atrações serviam como estratégia para capturar a atenção do novo público que estava tendo acesso à TV. Para isso, Ribeiro (2010) destaca que os programas de auditório

casa um receptor da televisão G-E. Crie este ambiente de família unida, que a TV proporciona. E se lhe recomendamos G-E é porque a maior nitidez de sua imagem e o melhor contraste do claro-escuro não cansam os olhos. Vá ver um dos modelos G-E e escolha aquele que lhe assegurará a continuidade dos ‘serões’ familiares.”.

buscavam nas próprias classes C e D, personagens para a espetacularização de seus shows. Desfiles de calouros, shows musicais, quadros humorísticos, atividades circenses e outros números tinham a função de prender a atenção do público.

De um lado, um apresentador em um papel de astro da TV, do outro, personagens reais que se opunham à imagem do condutor do microfone. Os programas de auditório, em sua maioria, buscavam explorar as facetas mais calamitosas do ser humano. Competições como a do homem mais feio do Brasil ou o buzinaço nos ouvidos dos calouros, promovidos por Chacrinha, até discussões entre casais que muitas vezes acabavam em agressão, exibidas por Jacinto Figueira Jr. em *O Homem do Sapato Branco*⁸, levantaram discussões a respeito do sensacionalismo exibido pela TV. À época, a televisão apresentava quase uma dezena de programas classificados como “exploração da miséria”, uma receita infalível para despertar a curiosidade do público (MIRA, 1995).

É a própria imprensa que promove uma campanha contra o “grotesco” que, segundo Sodré (1972), é o *ethos* dos programas ao vivo da TV brasileira. Em um artigo publicado no *Jornal do Brasil*, em junho de 1968, o jornalista Israel Tabak classificou a televisão como um produto de “subcultura a serviço da alienação”:

Fábrica de psicopatas, segundo os psiquiatras, e transmissora de subcultura, vendida como bem de consumo, segundo os sociólogos, a TV carioca está ameaçando de entorpecimento e alienação total cêrca de 2 milhões de pessoas que a vêem diariamente, das quais 1 400 são pobres ou muito pobres, segundo os índices do IBOPE, que é o ditador da programação. (TABAK, 1968, p. 20).

Três meses depois, Eli Halfoun publica em sua coluna *Tabela 2*, no periódico *Última Hora*, uma série de textos intitulada *O grotesco na TV*. Ao longo de cinco edições, o colunista critica os animadores cujos programas apresentavam os maiores índices de audiência. Entre eles, J. Silvestre e seu *Desafio à Bondade*⁹:

A desgraça maior recebe prêmio maior. Isto acontece todos os domingos num programa intitulado “Desafio à Bondade”. Programas desse tipo são os líderes de audiência em seus horários. Uma audiência arrancada graças à miséria alheia. Quanto mais miserável melhor – este é o lema dos produtores desses programas. Miséria maior, audiência maior. Uma audiência miserável. (HALFOUN, 1968, p. 3).

Um artigo publicado na terceira edição da revista *Veja* no final do mesmo mês deixava registrada a alcunha de programas “mundo cão”. Fotografias de Dercy Gonçalves e Jacinto Figueira Jr. vinham destacadas com as legendas “Dercy: riso no teatro, miséria na TV” e

⁸ Programa exibido pela TV Globo entre 1968 e 1969 que abordava temas como a violência urbana.

⁹ Programa veiculado pela TV Tupi do Rio de Janeiro em 1968, cujo mote era apresentar duas histórias dramáticas a serem julgadas pelos jurados. Quanto maior a desgraça, maior o prêmio.

“Jacinto: Nietzsche ou malandragem?”. No texto, os programas de auditório são apresentados como uma “miséria em desfile”:

Mendigos, indigentes, loucos, viciados, casais desajustados, ladrões. O desfile se repete há quatro anos no Rio e São Paulo para uma platéia que o IBOPE revela ser fiel. Jacinto Figueira Jr. (TV Globo – São Paulo) diz ter sido inspirado em Nietzsche o título do seu programa: “O homem que veste branco tem a alma pura”. Mas o produtor Mário Fanucchi, quando o batizou como “O homem do sapato branco”, diz que pensou foi na “figura do malandro brasileiro, que adora sapato branco”. (MUNDO, 1968, p. 76).

A campanha da imprensa contra os programas “mundo cão” repercutiu junto ao governo militar, que, conforme a ideologia da segurança apontava, não queria que o homem brasileiro fosse caracterizado por seus aspectos grotescos, miseráveis, anormais. Em 1972, os programas de auditório passam a se submeter à censura prévia. No ano seguinte, Globo e Tupi assinam um protocolo de autocensura, garantindo, a qualquer preço, a audiência do público e a confiança dos militares (ORTIZ, 1994). No caso da Globo, em especial, é durante esse período que surge o seu chamado “padrão de qualidade”. Junto a isso, nomes que marcaram a televisão pelo escrutínio de suas apresentações são demitidos da empresa: Dercy Gonçalves e Chacrinha.

O aperto sofrido pelas emissoras de TV por sua crescente espetacularização do povo leva ao fim muitos programas exibidos durante as décadas de 1960 e 1970. Além disso, passa-se por um processo de questionamento daquilo que exibido pela televisão, se o seu papel é o de educar a população ou o de distraí-la e informá-la. Um importante aspecto, tomado especificamente por este trabalho, é o de encontrar este lugar do povo, sua gênese, sua história, um recorte perdido em meio aos programas televisivos que marcaram a história da TV no Brasil. Afinal, o que é lugar? Existe um lugar que possa ser considerado do povo?

3 LUGAR

Todos os aspectos do cotidiano ocorrem em uma determinada porção do espaço geográfico. Seja na sala de uma casa ou na quadra de uma escola, toda a ação se passa num determinado tempo e em um determinado local. Além de mero suporte, o espaço é também um agente que interfere na execução dessas práticas. Se uma escada precisa ser construída é porque há na paisagem – natural ou socialmente construída – alguma elevação que necessite ser alcançada. Assim como a proximidade a uma floresta ou um rio pode ser fundamental para a execução de determinadas práticas.

De acordo com Carlos (1996), é na reprodução das vivências humanas, em suas relações sociais, que surge o lugar. Sua construção é baseada estritamente na produção do homem, na interação entre seus pares, portanto, algo que não é naturalmente concebido. Dessas composições é que surgirão lugares mais ou menos importantes, lugares próprios de um grupo social e não de outro, lugares que funcionam como centro ou como periferia. Independente de sua categorização, o lugar necessita dessas mediações humanas, pois são elas que o constroem.

Para buscar este lugar, próprio das relações humanas, é que o presente capítulo inicia questionando a definição de lugar e sua concepção através de uma perspectiva geográfica. Posteriormente, mostra-se que essa apropriação do espaço vinculada àquilo que é imediato na vida lida entre a particularidade e o mundial, muitas vezes perdendo a identidade que a mantém enquanto lugar. Nesse processo de desconstrução, surgem diferentes produtores do espaço – especialmente no que se refere ao espaço urbano –, importantes agentes que se relacionam por meio de relações de cooperação e conflito. Por fim, busca-se encontrar o lugar das classes populares, do povo, sua concepção histórica e as formas como esse lugar é visto na sociedade brasileira atual.

A fim de se apropriar da ideia de lugar, buscam-se os conceitos de Carlos (1996), Massey (2013) e Augé (2002). Em seguida, o distanciamento provocado pela ascendente homogeneização dos lugares é trazido pela perspectiva de Santos (2012), que encontra uma relação instável entre local e global. Corrêa (1989) e Carlos (1996) são suscitados a fim de mapear os agentes produtores desse espaço. Finalmente, o lugar do povo surge por meio de autores como Chalhoub (1996), Campos (2012) e Meirelles (2014), que refletem sobre a condição vivenciada pelas camadas populares da população ao longo da história do Brasil, em especial, a carioca.

3.1 O QUE É LUGAR?

A compreensão do mundo é feita por diversas ciências, cada qual através de um objeto distinto. Para a interpretação das relações sociais existem várias delas: a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, etc. É inegável, entretanto, que todas as práticas cotidianas se passam em alguma parte do espaço durante um determinado período do tempo.

A percepção material do cotidiano, ou seja, o espaço é o cerne das preocupações da Geografia. Sua produção é um processo próprio do ser humano. A apropriação desse espaço em um plano mais imediato da vida é o que constrói o lugar (CARLOS, 1996). Estudar, trabalhar, caminhar – todos esses aspectos concretos do dia a dia levam o homem a diferentes lugares ao longo de um mesmo dia. São suas mais diversas ações que garantem a existência do lugar, sua mutabilidade, sua decadência. Dessa maneira, o lugar ocorre como uma legítima eventualidade (MASSEY, 2013).

Sua origem pode estar vinculada à criação de significados, de identidade, de um sentimento de pertença com uma determinada porção do espaço. É o que Augé (2012) chama de “lugar antropológico”, dotado de sentido para aqueles que o habitam, mas também inteligível para aqueles que o observam. Para ele, os lugares antropológicos possuem três características comuns: “se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos.” (p. 52). Identitários porque remetem à constituição do indivíduo, seu nascimento, sua criação. Relacionais por conferir elementos distintos e singulares que podem coexistir e ser compartilhados, como as regras da casa, por exemplo. E históricos pois são neles que se estabelecem uma estabilidade mínima, um emaranhado de signos que carregam diferentes significados consigo (AUGÉ, 2012).

Vale aferir que, por mais rotineiras que sejam as ações do indivíduo, isso não coloca o lugar como algo plano, fixo, imutável. Ao contrário, sua compreensão pode ser entendida “como um tecer de estórias em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro de topografias mais amplas do espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada” (MASSEY, 2013, p. 191). É esse caráter de não completude que faz do lugar algo efêmero, mas plenamente vinculado ao ser humano e suas ações, marcado por uma multiplicidade de significados e sentidos.

Compreender o lugar é ir além de suas inferências – da paisagem, de seus limites, de suas funções –, é buscar o conjunto de sentidos que são impressos através de seu uso (CARLOS, 1996). O supermercado só é um lugar de compra de alimentos, bebidas, utensílios

de limpeza porque lhe foi atribuído esse fim. Se o mesmo estabelecimento estivesse lá com os mesmos produtos, mas não fosse dotado do significado de comprar, ele não seria um supermercado como o conhecemos atualmente. Por isso, o lugar se refere àquilo que é do plano do vivido, do imediato, do cotidiano. Ele necessita de vínculos sociais para existir, sendo, portanto,

produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS, 1996, p. 29).

3.2 DISTANCIAMENTO DO LUGAR

O lugar é um palco construído através das relações sociais, tendo assim uma ligação direta com as especificidades humanas para sua composição. Sua produção transcorre entre os aspectos do cenário mundial e as particularidades de cada indivíduo. É nesta linha tênue que o lugar tem se apresentado “como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento.” (CARLOS, 1996, p. 29).

No Ocidente, desde as Grandes Navegações, quando os povos ibéricos encontraram uma porção de terras até então desconhecida de seus conhecimentos, é que o lugar tem ficado cada vez mais sujeito a elementos da escala mundial. A exploração de matérias-primas e de mão de obra, o fluxo de trocas comerciais e a imposição de diferentes bens culturais modificaram intensamente os lugares de povos ameríndios e africanos. Muitos efeitos destas práticas têm sido presentes até os dias atuais, como por exemplo, o poder da Igreja Católica ou o estigma a práticas religiosas de matriz africana.

A imersão do espectro mundial é clarividente no cotidiano, na construção das relações humanas, na reprodução social. Marcas de grandes multinacionais, hábitos difundidos mundo a fora e o acentuado fluxo de capitais entram em choque com as peculiaridades construídas pela intimidade de cada lugar. É nesse cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições que está assentada a base da vida social – a cooperação e o conflito. Este encontro é sempre marcado por uma realidade tensa, por um dinamismo que vem se recriando a cada momento, por uma relação instável que permeia pelas dialéticas da globalização e da localização e da globalização e da fragmentação (SANTOS, 2012).

A aceleração dos meios de transporte e a difusão dos meios de comunicação contribuem para a dinamização desse processo. Basta olhar para os carros das mais variadas

marcas e tecnologias que circulam pelas ruas, os veículos de transporte de passageiros que ganham cada vez mais espaço nos aglomerados urbanos. Modificações como essas buscam uma maior rapidez para o fluxo de indivíduos e, assim, para o fluxo de experiências, de práticas. Conseqüentemente, os lugares perdem espaço para uma homogeneidade das diversidades, criando assim uma maior generalização da sociedade.

3.3 DESCONSTRUÇÃO DO LUGAR

O lugar possui uma estrita relação com a cultura, já que é a base da reprodução da vida, podendo ser visto pela relação habitante-identidade-lugar. (CARLOS, 1996). Assim, se para a origem do lugar são necessários vínculos sociais, pode-se dizer que a cultura, genericamente, é a fonte de sua concepção. Até porque o lugar não é dotado de vida própria. Invariavelmente, “sua reprodução se acha vinculada ao caráter social e histórico da produção do espaço geográfico global.” (CARLOS, 1996, p. 33).

Essa produção do espaço depende de diversos agentes que, como acima mencionado, estabelecem relações de cooperação e conflito. Grupos sociais que muitas vezes são responsáveis pelas alterações do lugar, enquanto espaço dotado de sentidos e significados, especialmente no que tange o cenário urbano. Corrêa (1989) classifica em cinco, o número de agentes sociais produtores do espaço urbano capitalista: proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, Estado e grupos sociais excluídos. Segundo ele, todos esses nichos carregam consigo a principal intenção da sociedade capitalista, que é a de “reprodução das relações de produção, implicando a continuidade do processo de acumulação e a tentativa de minimizar os conflitos de classe, este aspecto cabendo particularmente ao Estado.” (CORRÊA, 1989, p. 12). Ou seja, independente da existência de lugares criados a partir de práticas e interações sociais e carregados de significados e sentidos, existe um propósito maior na inter-relação entre agentes sociais que é a reprodução do capital.

O Estado, baseado naquilo que lhe cabe atualmente, deve fazer o papel de regulador do processo de produção do espaço, afinal grupos dominantes vão impor suas demandas sobre os dominados, provocando uma oposição conseqüente entre centro e periferia. Sua atuação, no entanto, é pautada, em muitos casos, pela facilitação da ação do agente dominante (proprietários dos meios de produção), que se utiliza do aparelho estatal para operar interações complexas e negociações permanentes (CARLOS, 1996).

Por outro lado, o dificultado acesso a bens e serviços é o que faz surgirem os grupos socialmente excluídos. Nas grandes cidades, sua presença é acentuada pelas condições

limitadas de acesso à moradia. Uma boa parte da população não possui renda nem para pagar o aluguel, tão menos para comprar um imóvel. Como consequência disso, os grupos sociais excluídos estão submetidos aos demais agentes modeladores do espaço urbano. Assim, é apenas

na produção da favela, em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade. Resistência e sobrevivência que se traduzem na apropriação de terrenos usualmente inadequados para os outros agentes da produção do espaço, encostas íngremes e áreas alagadiças (CORRÊA, 1989, p. 30).

É diante de um cenário de precariedades e ausência total ou parcial do Estado que surgem as favelas, sintomas de um processo de exclusão social. Bairros pobres, formados por uma grande parcela da população de baixo poder aquisitivo, que imprimem destacadas marcas na paisagem urbana e se caracterizam por abrigar uma grande parcela da sociedade sem acesso à metrópole (CARLOS, 1996).

3.4 LUGAR DO POVO

Segunda metade do século XIX: Guerra do Paraguai (1864-1870), Abolição da Escravatura (1888), Proclamação da República (1889), Guerra de Canudos (1896-1897). O Brasil passava por um momento de grande tensão política, tendo a cidade do Rio de Janeiro como o centro dessa efervescência. Saía Dom Pedro II, entrava Marechal Deodoro da Fonseca. Cessava a escravidão, abriam-se as portas para os imigrantes europeus.

O confronto entre o Paraguai e a chamada Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina) é uma das causas apontadas por historiadores para o surgimento das favelas no Brasil. O governo imperial necessitava de homens para lutar na guerra. Assim, muitos escravos foram convocados a servir à pátria, em troca da alforria (CAMPOS, 2012). Aqueles que retornaram, em busca de um lugar na cidade, passaram a ocupar os morros cariocas.

Outra hipótese para a gênese das favelas no Brasil é a construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, entre 1858 e 1861. Campos (2012) recorda que a inauguração da linha férrea modernizou os transportes e permitiu que os mais pobres conseguissem acesso ao subúrbio carioca, o que teria provocado o adensamento de regiões periféricas. Os bondes que tinham suas linhas sendo levadas em direção à zona sul da cidade também facilitaram o levante de moradias populares nos morros daquela região.

Vale lembrar que é nesse período delimitado pelo fim da monarquia e pelo início da República Velha que a escravidão dá seus sinais de esgotamento – principalmente em função da pressão estabelecida pela Inglaterra. Uma das marcas de resistência a esse sistema escravagista é a formação de quilombos, locais de sobrevivência e trocas entre negros fugidos ou alforriados. Sua localização deveria ser principalmente em áreas de difícil acesso como em encostas de morros cobertos por grandes florestas, dando início assim à construção das primeiras favelas (CAMPOS, 2012).

O adensamento populacional também foi motivo para o surgimento de favelas na então capital do país. Muitas pessoas procuravam a cidade para morar, desde imigrantes portugueses a escravos alforriados, em busca de emprego e esconderijo (CHALHOUB, 1996). Esta vasta concentração ocorreu especialmente na região central do Rio de Janeiro, onde “a coabitação numerosa e desordenada reproduzia-se em escala cada vez mais ampla e concentrada.” (BENCHIMOL, 1992, p. 124).

A acelerada evolução populacional fez com que mais e mais pessoas se concentrassem em uma mesma área, surgindo assim os cortiços – prédios divididos em numerosos e pequenos quartos sem qualquer tipo de saneamento e ventilação. Nestes espaços

residiam alguns trabalhadores e se concentravam, em grande número, vadios e malandros, a chamada “classe perigosa”. [...] O cortiço era tido como antro não apenas da vagabundagem e do crime, mas também das epidemias, constituindo uma ameaça às ordens moral e social. (VALLADARES, 2000, p. 7).

O aspecto feio e sujo – provocador de doenças – dessas moradias ocupadas pelas classes populares da cidade foi condicionante para a eliminação de tais habitações. Inspirado na remodelação de Paris¹⁰, o prefeito da cidade procurou resolver os problemas de higiene e precariedade da capital federal. Esse processo ficou conhecido como Reforma Pereira Passos. Entre 1902 e 1906, os habitantes do Rio de Janeiro viram surgir grandes avenidas e sumir os cortiços da área central, numa tentativa de embelezamento e higienização da cidade.

A destruição dos cortiços, em especial, já vinha de um movimento transcorrido desde meados dos anos 1870, quando uma série de leis foi promulgada, impedindo a construção desse tipo de moradia (CAMPOS, 2012). Em janeiro de 1893, o principal cortiço da época, o

¹⁰ O crescimento populacional provocado pela acentuada oferta de trabalho fez com que cidades como Paris e Londres passassem por uma ampla reforma urbana para acomodar os novos habitantes. O plano urbano da capital francesa foi o primeiro da era industrial e ficou conhecido como Plano Haussmann, título atribuído ao seu criador, o prefeito Georges-Eugène Haussmann, o Barão Haussmann. Entre as ações promovidas pelo francês estavam a abertura de largas avenidas, a divisão da cidade em zonas e a criação de espaços verdes e livres, a fim de embelezar e higienizar a capital da França (GUIMARÃES, 2004).

Cabeça de Porco, foi demolido diante de representantes públicos, como o prefeito Barata Ribeiro, e curiosos que foram ao local acompanhar a destruição.

Os esforços se concentraram primeiramente na ala esquerda da estalagem, a que estaria supostamente desabitada havia cerca de um ano. Os trabalhadores começavam a destelhar as casas quando saíram de algumas delas crianças e mulheres carregando móveis, colchões e tudo o mais que conseguiam retirar a tempo. Terminada a demolição da ala esquerda, os trabalhadores passaram a se ocupar da ala direita, em cujas casinhas ainda havia sabidamente moradores. Várias famílias se recusavam a sair, se retirando quando os escombros começavam a chover sobre suas cabeças. Mulheres e homens que saíam daqueles quartos “estreitos e infectos” iam às autoridades implorar que “os deixassem permanecer ali por mais 24 horas”. Os apelos foram inúteis, e os moradores se empenharam então em salvar suas camas, cadeiras e outros objetos de uso. [...] Na manhã seguinte, já não mais existia a célebre estalagem Cabeça de Porco. (CHALHOUB, 1996, p. 16-17).

Foi em uma porção de terras íngremes localizadas atrás do antigo cortiço que muitos de seus antigos moradores teriam se instalado, dando início ao processo de ocupação dos morros. Nesse caso específico, o chamado morro da Favela, atual Morro da Providência, no Centro do Rio de Janeiro. O mesmo local onde se estabeleceram, com a autorização dos chefes militares, os soldados advindos da Guerra de Canudos (CHALHOUB, 1996).

Independente da versão mais correta para atribuir ao surgimento das favelas no Brasil, sabe-se que sua germinação foi a “consequência de bruscos rearranjos no conjunto de regras que ordenavam o jogo político [...] nos primórdios da República Velha. Essa reordenação não foi atrelada a um projeto de transformação capaz de incluir social e economicamente a população negra.” (MEIRELLES, 2014, p. 41). Tanto que o antigo Morro da Favela emprestou seu nome a todos os aglomerados urbanos pobres, de ocupação ilegal e com limitado acesso aos serviços públicos, geralmente situados em encostas de morros.

Passado mais de cem anos, a favela segue sendo vista com muito preconceito por parte daqueles que não a habitam. Suas históricas características como a ameaça aos bons costumes, a precariedade de condições sanitárias e a poluição visual e sonora da paisagem permanecem como rótulos negativos da favela e daqueles que nela moram. Valladares (2000) atenta para o fato de que a imagem da favela é a de uma comunidade de miseráveis que lutam pela própria sobrevivência, vivendo em situações extremamente precárias – o que cria uma identidade comum àqueles que nela vivem.

Este sentimento de pertencimento, comum aos moradores, é o que denota o aspecto de lugar que a favela possui. É o que Tuan (1983) ressalta quando coloca que o espaço só se torna lugar quando inteiramente familiarizado pelo grupo social que o constrói. Dessa forma, “a favela é ‘muito lugar’, pois em geral é construída com sangue e suor por seus moradores,

normalmente em espaços de complicado acesso, desprezados pela indústria imobiliária.” (MEIRELLES, 2014, p. 153). Lugar esse identificado como seu pelas classes populares que o construíram. Ou seja, o lugar do povo, daqueles que o fizeram, daqueles que o preservam, daqueles que o projetam.

Partindo de tais aspectos, é importante investigar se este lugar está presente, se é possível identificá-lo na televisão atual, especialmente em programas que se colocam como representantes deste cenário. Para tanto, aponta-se para uma destas atrações: o *Esquenta!*, programa exibido pela TV Globo desde 2011. Encontram-se ali elementos característicos de um espetáculo tal qual ou semelhantes àqueles apresentados pela TV particularmente nos anos 1960 e 1970 ou um palco de representação e identificação do povo?

4 ESPETÁCULO X LUGAR DO POVO

Veiculado pela primeira vez em 2011, o *Esquenta!*, programa da TV Globo exibido aos domingos por volta das 13h, é visto como um programa popular, voltado às classes média e baixa da sociedade brasileira. Em seu palco passam cantores, duplas e conjuntos musicais dos mais diversos gêneros, especialmente daqueles surgidos da periferia como o samba, o funk e o rap. Além deles, também marcam presença na atração, atores e atrizes da TV Globo e convidados que, de alguma forma ou de outra, levantam ideais propostos pelo programa. Não menos importantes são as participações da plateia e de pessoas desconhecidas do grande público, convidadas para se apresentar no palco, que também auxiliam na composição do programa.

Partindo de tais aspectos, o presente capítulo busca apresentar o *Esquenta!*, seu formato e sua trajetória de curtos cinco anos ocasionalmente interrompidos na grade da TV Globo – mas que, mesmo em tão pouco tempo no ar, tem provocado grandes discussões e duras críticas por parte da imprensa e dos telespectadores. Para isso, o capítulo é iniciado pela apresentação da metodologia adotada para a composição deste trabalho. Em seguida, resgate-se a história do *Esquenta!*, suas temporadas, seu elenco fixo, sua estrutura, além de um destaque à trajetória da apresentadora do programa, Regina Casé. Por fim, busca-se a desconstrução da atração por meio da análise de quatro episódios do *Esquenta!*, procurando identificar características de espetacularização e de identificação do povo com o programa.

Para a coleta de tais informações, a fim da construção de inferências, utilizou-se os sites Memória Globo e Gshow, ambos sobre os programas da TV Globo, além de matérias de jornais e sites que registraram os percursos da atração. Todos aparecem referenciados ao final do trabalho.

4.1 METODOLOGIA

Para uma melhor investigação do tema, optou-se por utilizar a análise de conteúdo, método tradicionalmente usado no estudo das comunicações de massa. Sua aplicação permite “obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” (BARDIN, 2009, p. 44).

Assim, para inferir proposições acerca do programa e de sua problematização, assistiu-se a oito edições do *Esquenta!*, veiculadas entre os dias 14 de dezembro de 2014 e 01 de

fevereiro de 2015, disponíveis no site da TV Globo na internet¹¹. Desses, selecionou-se quatro episódios por apresentarem a mesma temática, no caso, o verão. Cada um desses programas contou com cerca de 1h20min de apresentação, divididos em blocos de tamanhos distintos, referenciados em quadros e gráficos abaixo.

A fim de identificar as características de espetáculo e de lugar do povo do *Esquenta!*, analisou-se a estrutura do programa no geral (temporadas, elenco fixo, cenário, quadros) e características específicas das quatro atrações selecionadas, veiculadas entre os dias 04 e 25 de janeiro de 2015. Dentre os aspectos destacados, optou-se por focar em três: artistas convidados, participação da plateia e atrações apresentadas, por entender-se que por meio de tais critérios poder-se-iam capturar elementos suficientes para inferir se o *Esquenta!* se aproxima mais da ideia de espetáculo ou se é possível entendê-lo como um lugar do povo.

Dessa maneira, a presente pesquisa utilizou-se de métodos quali-quantitativos para uma melhor compreensão do programa. Assim, para sua desconstrução, os artistas convidados aparecem destacados em um quadro com informações como sua atuação profissional e origem ou naturalidade. Tais informações foram sintetizadas em dois gráficos para facilitar a identificação dessas características. Outrossim, a abordagem escolhida para tratar das atrações de cada edição do programa também foi a de distribuição das informações em um quadro e sua compactação em um gráfico. Os dados coletados nesta etapa do trabalho foram classificados em oito tipos, a fim de facilitar a distinção das atrações apresentadas no palco do programa. Tão importante quanto os artistas convidados e as atrações do programa, a participação da plateia também ganha destaque em um quadro cujas informações apontam para a forma como o auditório participou de cada episódio analisado.

4.2 CONSTRUÇÃO DO *ESQUENTA!*

No primeiro domingo de 2011, mais precisamente no segundo dia do ano, estreia o programa *Esquenta!*, na TV Globo, sob a apresentação de Regina Casé. A atração tem início pouco depois das 13h e segue até às 14h38min, chegando a mais de uma hora de duração. Entre os convidados da primeira edição, os cantores Zeca Pagodinho, Caetano Veloso, Gilberto Gil e a filha Preta, os atores Cauã Reymond e Sheron Menezes, e os comediantes Leandro Hassum e Marcius Melhem¹². Além desses, os sambistas Arlindo Cruz e Leandro

¹¹ Conferir em <http://globo.com/rede-globo/esquenta/integras/>.

¹² Conferir Imagem 2.

Sapucahy compunham o elenco fixo do programa, que duraria até o final do março do mesmo ano.

Ocupando um estúdio inteiro e diante de um auditório com capacidade para 400 pessoas, a apresentadora mostrou logo de cara o objetivo do programa: atingir o público das classes C, D e E, carente de atrações populares na grade da TV Globo. Em um cenário colorido, marcado por cores quentes e mesas de bar distribuídas em seu centro, o programa contou com muitas músicas e entrevistas – não só com os artistas convidados, mas também seus familiares que estavam na plateia, quando não junto a seus parentes no palco. A primeira edição teve ainda a apresentação de uma receita de almoço de domingo e uma entrevista gravada com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, recém-saído do cargo.



Imagem 2 – Primeiro programa foi ao ar no dia 02 de janeiro de 2011 e teve atrações musicais de diferentes estilos como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Zeca Pagodinho

Ao longo de sua exibição, o *Esquenta!* registrou média de 17 de pontos de audiência no IBOPE¹³, mantendo-se à frente das atrações exibidas pelos canais concorrentes. A roda de samba, a culinária popular, a participação da plateia e as interações descontraídas entre os convidados do programa garantiram os bons índices de audiência da primeira temporada da atração – tanto que no final do ano de 2011, uma nova temporada começava. Mas o jeito descontraído do programa, integrando cantores, atores e plateia e, por consequência, criando uma vinculação com o público espectador, não se garantia somente pelo formato da atração. Sua apresentadora, reconhecida por trabalhos televisivos anteriores, de forte ligação com a periferia, serviu como peça-chave para a coesão de tantas atrações em um único palco.

¹³ À época, cada ponto de audiência, em São Paulo, equivalia a 58 mil domicílios.

4.2.1 REGINA CASÉ

Regina Maria Barreto Casé nasceu no bairro de Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro, região de classe média-alta da cidade. Mesmo tendo crescido em uma porção considerada nobre da capital fluminense, sua imagem atual é vinculada “ao povo, à periferia”, como é apresentada em seu site¹⁴.

Vinda de uma família relacionada ao rádio, Casé ingressou no teatro em 1970. Catorze anos depois iniciara sua carreira como atriz na TV Globo, na novela *Vereda Tropical* (1984). Mas a aproximação com a comédia lhe conduziria no mesmo ano a uma participação no humorístico *Chico Anysio Show* e, quatro anos depois, no também cômico *TV Pirata*.

Foi na década de 1990 que a atriz se aproximou do funk carioca, cujo gênero musical viria a ser o tema do *Programa Legal* (1991-1992), uma mistura de documentário com ficção e humor, apresentado com o também ator Luiz Fernando Guimarães. Em 1995, estreou rodando pelo Brasil atrás de personagens e histórias curiosas com o programa *Brasil Legal*. Três anos depois, ao invés de ir atrás de seus entrevistados, promoveu que eles fossem até ela em um programa intitulado *Muvuca*.

A aproximação com o dia a dia da periferia se acentuou quando Casé participou da direção de alguns episódios do seriado *Cidade dos Homens*, a partir de 2002. No ano de 2006, foi levado ao ar o *Central da Periferia*, programa cujo mote era a produção cultural nas periferias pelo Brasil tendo as próprias comunidades como auditório. No semanário *Fantástico* também resgatou histórias de gente da favela por meio dos quadros como *Na Geral*, *Minha periferia é o mundo* e *Vem com tudo!*.

Desde 2011, Casé está à frente do comando do *Esquenta!*, uma criação sua e do antropólogo Hermano Vianna¹⁵ que iniciou como um projeto apenas para o verão de 2011, mas não se limitou a uma única temporada. O formato do programa de auditório, descrito no site Memória Globo como “uma miscelânea de assuntos com entrevistas, rodas de samba, culinária e personagens populares”, perdurou na grade da TV Globo chegando a atingir o status de “fixo” após pouco mais de dois anos de exibição.

¹⁴ Conferir em: <http://www.reginacase.com.br/>.

¹⁵ Hermano Vianna, doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ, criou outros programas apresentados por Regina Casé como *Programa Legal* (1991-1992), *Brasil Legal* (1994-1995, 1997-1998) e *Central da Periferia* (2006), todos exibidos pela TV Globo.

4.2.2 TEMPORADAS

A primeira temporada do *Esquenta!* foi ao ar entre os dias 02 de janeiro e 27 de março, época de férias de muitos programas da TV Globo. Nesse período, muitas atrações televisivas são interrompidas para a veiculação de reprises ou retrospectivas do ano anterior. A emissora carioca tem o costume de estreiar sua programação do ano corrente sempre no mês de abril, quando as atrações por temporada voltam ao ar. Na contramão disso, o programa de Regina Casé foi exibido durante os três primeiros meses de 2011 como um teste da emissora. Uma experiência cuja fórmula foi aprovada pela direção do canal. Tanto que, no mês de junho, uma edição especial de São João, denominada *Esquentão!*, foi exibida para comemorar a época festiva.

No final do mesmo ano, a 11 de dezembro, o *Esquenta!* estreou a segunda temporada. Entre as novas atrações, o quadro *Calourão*, que, segundo Regina Casé, buscou referências em Chacrinha¹⁶. Nele, os participantes cantam, dançam e são julgados pelos convidados do programa. Além disso, em uma tentativa de apoio à literatura, a atração apresentou ainda o projeto de construção de uma biblioteca própria, na qual os convidados doavam uma cópia do livro favorito com um autógrafo e uma dedicatória. O propósito da iniciativa era o de levar livros a quem não tinha acesso a eles. Depois de quase quatro meses no ar, a segunda temporada chegou ao fim, mas outra edição especial de São João foi apresentada no mês de junho.

A terceira temporada do *Esquenta!* teve início no dia 09 de dezembro de 2012. No primeiro episódio, o programa apresentou uma entrevista de Regina Casé com a presidente Dilma Rousseff, que chegava ao fim do seu segundo ano de mandato¹⁷. Ao contrário das entrevistas tradicionais com entrevistador e entrevistado sentados próximos um ao outro em um estúdio ou na casa do entrevistado, a apresentadora acompanhou a chefe de governo em uma visita a um centro de reabilitação de Brasília, mantendo, mesmo com a presidente, a pauta da edição do programa, que tratava sobre a inclusão social de portadores de deficiência.

¹⁶ Chacrinha foi um dos principais comunicadores do país. Começou sua carreira ainda no rádio, em Pernambuco, seu estado de origem. Na TV, apresentou atrações em emissoras como Tupi, Excelsior, Globo e Bandeirantes. Ficou conhecido por programas como *Discoteca do Chacrinha* e *Cassino do Chacrinha*, marcados por seus quadros com jurados e calouros e por seus concursos de bizarrices como “o homem mais feio do Brasil”, “a mulher mais gorda”, etc. Para mais detalhes sobre a vida e a obra de Chacrinha, ver MONTEIRO, 2014.

¹⁷ Conferir Imagem 3.



Imagem 3 – Dilma Rousseff e Regina Casé conversam em centro de reabilitação de Brasília em entrevista exibida no primeiro episódio da terceira temporada do *Esquentar!*

Ao longo da terceira temporada, após quase cinco meses consecutivos no ar, surgiu a notícia de que o programa iria se tornar fixo na grade da emissora, tendo apenas o seu horário de exibição alterado¹⁸. Em entrevista ao jornal *O Globo*, a apresentadora disse que a direção do canal sempre lhe pedira para o programa ser fixo, porém o receio de fazer atrações em um auditório fechado – e não nas ruas – não lhe dava garantias do sucesso da atração. Com a nova condição na grade de programação da TV Globo, o *Esquentar!* passou a ser apresentado durante todo o ano, não se limitando ao período de férias como antes. Isso passou a demandar um estúdio fixo para o programa e um aumento nos investimentos de produção. A nova fase também ficou marcada por uma mudança no cenário e uma nova vinheta de abertura.

Em dezembro de 2013, após um ano inteiro no ar, o programa entrou em férias, regressando apenas em março do ano seguinte. Desde então, não houve nenhum intervalo em sua exibição. A única grande mudança ocorrida de lá pra cá foi o retorno ao horário ocupado anteriormente, levando sua veiculação novamente ao horário do almoço, por volta das 13h.

4.2.3 ELENCO

Uma das peças-chave para a compreensão do *Esquentar!* é conhecer aqueles que fazem parte de seu elenco fixo. Ao contrário da maioria dos programas de auditório exibidos na televisão brasileira – centrados em uma única pessoa e, por consequência, em seus convidados –, os companheiros de Regina Casé dão o tom à atração, seja por sua fama enquanto

¹⁸ O programa era veiculado por volta das 13h, logo após o programa *Esporte Espetacular*. A mudança na grade da TV Globo colocou o *Esquentar!* para suceder o *Temperatura Máxima*, programa que exibe filmes no início das tardes de domingo. Com isso, a atração de Regina Casé passou a ser transmitida por volta das 14h30min.

celebridades (cantores, comediantes ou fenômenos da internet) ou por sua participação e improvisação (sozinhos, em conjunto ou junto aos convidados).

Olha aí, está vendo? Isso não estava no roteiro. Agora a gente espera – brinca ela [a diretora-geral do *Esquenta!*, Monica Almeida], quando Leandro e Péricles decidem cantar “Patricinha do olho azul”, do grupo Bom Gosto, para a atriz Leticia Spiller, que sambou e até declamou poema no palco. (ACOMPANHAMOS, 2015).

Ao todo, o elenco do *Esquenta!* é composto por 70 integrantes entre assistentes de palco, dançarinos e músicos. No palco, junto à Regina Casé, ficam apenas oito componentes: Arlindo Cruz, Leandro Sapucahy, Douglas Silva, Luane Dias, Luis Lobianco, Mumuzinho, Péricles e Xande de Pilares¹⁹. Os dois primeiros, membros do programa desde a sua primeira edição. Os dois últimos, ingressantes no início da terceira temporada. E os demais, integrantes que se fixaram ao elenco durante a exibição da atração. Todos aparecem como titulares do *Esquenta!* na vinheta de abertura da atração.

Dos oito componentes permanentes, quatro são cantores e compositores de samba e pagode (Arlindo Cruz, Leandro Sapucahy, Péricles e Xande de Pilares), tendo estruturado sua carreira profissional antes do surgimento do programa na grade de programação da TV Globo. Arlindo Cruz e Leandro Sapucahy tornaram-se conhecidos sambistas por meio de carreira solo. Já Péricles e Xande de Pilares ascenderam com os conjuntos Exaltasamba e Grupo Revelação, respectivamente. Atualmente, ambos se dedicam à carreira solo, também.

Além dos cinco, também compõem a chamada “roda de samba do *Esquenta!*”, Mumuzinho e Douglas Silva. Atores de prestigiados trabalhos da dramaturgia brasileira como o filme *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, e o seriado *Cidade dos Homens* (2002-2005), exibido pela TV Globo, os dois atuam cantando, dançando e fazendo apresentações de humor no *Esquenta!*. Silva ficou conhecido especialmente pelo personagem Acerola do seriado *Cidade dos Homens*, já Mumuzinho, apesar dos trabalhos na ficção, ganhou maior notoriedade artística ao cantar ao lado de Dudu Nobre e Zeca Pagodinho.

Luane Dias e Luis Lobianco, os outros dois componentes fixos da atração, fizeram sucesso através de vídeos na internet. Ela, por meio de comentários eschachados sobre moda e comportamento; ele, com a participação no canal humorístico *Porta dos Fundos*. Ambos como fenômenos de visualizações no portal de vídeos Youtube.

¹⁹ Conferir Imagem 4.



Imagem 4 – Parte do elenco fixo do *Esquenta!*. Da esquerda para a direita: Douglas Silva, Mumuzinho, Regina Casé, Leandro Sapucahy e Arlindo Cruz

Além dos integrantes permanentes, o *Esquenta!* conta com a colaboração do empresário Alê Youssef, do especialista em segurança pública José Marcelo Zacchi e do pesquisador e advogado Ronaldo Lemos que se revezam a cada episódio, trazendo um lado mais científico e de curiosidades para o programa.

4.2.4 ESTRUTURA

Surgido na grade da TV Globo como um programa temático – de verão, no caso –, o *Esquenta!* preserva a proposta temática que deu início à atração. Como sua exibição já não se limita mais ao verão, o programa tem apresentado um tema diferente a cada semana. Excetuam-se à regra, períodos mais prolongados como é o caso do verão e da época das festas juninas, quando tais enredos pautam a atração ao longo de mais de uma edição.

O cenário funciona como um dos elementos fundamentais do programa. Quando teve início lá em 2011, o *Esquenta!* possuía um estúdio caracterizado por suas cores muito vibrantes como o laranja e o rosa, destacados diante de uma arquibancada em forma de arena. Além do palco central, rampas davam acesso a um palco especialmente projetado para shows de convidados, além de um espaço destinado à roda de samba e outro somente para a locação de uma cozinha. A partir da quarta temporada, em 2014, o programa passou por uma reformulação, inaugurando um novo cenário, preparado para alterações semanais, podendo adaptar-se assim aos temas abordados a cada edição. Durante a temporada de verão, além do espaço da cozinha, uma praia artificial foi montada na lateral do estúdio.

Ainda sobre o aspecto visual, os assistentes de palco, que dançam e contribuem para a agilidade do programa (distribuindo microfones e ajustando o posicionamento dos convidados

diante das câmeras), também são caracterizados conforme o tema em voga da edição. Além disso, todos os microfones dispostos para os convidados e para a plateia são revestidos por uma capa brilhosa e colorida. A iluminação, o vestuário e até mesmo as letras das músicas apresentadas também seguem o colorido do espetáculo.

Outro importante aspecto da estrutura do programa é a sua edição. Seu tempo de arte, ou seja, a duração do programa, descontando as propagandas, fica próximo dos 50 minutos²⁰. Entretanto, sabe-se que a gravação da atração dura aproximadamente seis horas. Isso faz com que o programa tenha muitos cortes. Para não ficar tão evidente, a troca de um assunto a outro é geralmente feita utilizando-se o recurso de mostrar as expressões da plateia ou dos convidados. Outra maneira de disfarçar a edição adotada pela direção é a inserção de animações (serpentinhas caindo, cortinas passando) entre um corte e outro. Ainda assim, o longo tempo de gravação prejudica a continuidade do programa que, por vezes, adota o método do corte seco (corte de uma fala seguida por outra no mesmo quadro). A sensação é tão incômoda que “a impressão que causa é que, em um piscar de olhos, o foco do programa pode mudar, de tão ágil que é a edição.” (REGINA CASÉ SE FIXA, 2015).

Um ponto elementar sobre a estrutura do *Esquentar!* é o fato de ser um programa de auditório. Assim, Regina Casé interage não só com os convidados, mas também com o público presente no estúdio. Isso condiciona uma outra dinâmica ao programa, que tem a sua plateia como um agente ativo do show. Casé costuma contar histórias de pessoas que acabam sendo dispostas no meio da plateia, permitindo uma conotação mais participativa do público. Além disso, há a participação do auditório em brincadeiras e quadros promovidos pelo programa.

Fazendo jus ao formato de programa de auditório, o *Esquentar!* depende da existência de quadros para que as pessoas relatem suas histórias e possam interagir com os convidados e o elenco do programa. Uma dessas atrações é o quadro *Calourão*, no qual pessoas da plateia se apresentam (cantando ou dançando) e são julgadas pelo próprio público presente, em uma avaliação feita através do maior ou menor número de aplausos. Outra atração do programa é o quadro *Pediu pra parar, cantou*, cuja apresentação ocorreu durante a última temporada de verão do *Esquentar!*. Nele, membros de escolas de samba convidadas, que ficavam junto à plateia, tinham que completar trechos de músicas. Um outro quadro que conta com a

²⁰ Durante a pesquisa, observou-se que o tempo de arte da atração foi reduzido após o Carnaval de 2015, realizado no dia 17 de fevereiro. Até então, cada edição variava entre 1h15min e 1h23min de arte. De lá pra cá, o tempo de arte do programa tem se limitado a 50min.

participação do auditório é o *Roleta Musical*, cujo objetivo é o de cantar uma música que contenha em sua letra a palavra sorteada em uma roleta. Nesse, pessoas da plateia são chamadas para se juntar aos convidados e ao elenco fixo do programa. Ambos os quadros (*Pediu pra parar, cantou* e *Roleta Musical*) dividem os adversários em dois times para uma competição cujo prêmio, em geral, é um kit de produtos do *Esquenta!*.



Imagem 5 – Integrantes da Águia de Ouro e da Portela se enfrentam no quadro *Pediu pra parar, cantou*

Mesmo com um cenário randômico, uma visualidade extravagante, um forte trabalho de edição e a participação da plateia na composição da estrutura do programa, sua base mesmo são as apresentações musicais, inclusive no que diz respeito à concepção dos quadros do *Esquenta!*. A começar por seu elenco fixo composto por cinco cantores de samba e pagode. Além disso, a cada programa, há pelo menos dois outros convidados que se relacionam à música, podendo ser cantores de carreira solo ou grupos musicais. Esta grande quantidade de convidados vinculados à música²¹ faz com que o programa se molde, basicamente, sob apresentações musicais. Durante o período analisado, pôde-se notar que o número de músicas cantadas ao longo do programa varia entre 12 e 17, índices muito altos para uma atração de pouco mais de uma hora. Assim, o *Esquenta!* acaba se assemelhando a assistir a um show com cantores e bandas de gêneros musicais diferentes, o que o aproxima da noção de espetáculo. Mas claro que para a ocorrência deste processo todo, a condução do programa é feita por uma pessoa sintonizada com o cenário musical brasileiro e com o grande público: a atriz e apresentadora Regina Casé.

²¹ Tendo em vista que o número de convidados por programa varia entre seis e nove.

4.3 DESCONSTRUÇÃO DO *ESQUENTA!*

Como já abordado ao longo deste trabalho, sabe-se que o *Esquenta!*, exibido pela TV Globo sempre aos domingos na hora do almoço, é um programa voltado principalmente às classes de renda média e baixa da sociedade brasileira. Em muitos casos, sabe-se que a condição de vida desta camada da população é historicamente marcada por uma série de desafios. Direito à cidadania, luta por moradia, busca de serviços públicos de qualidade – elementos básicos que muitas vezes não lhe são ofertados pelo Estado ou se limitam a estruturas de condições precárias.

Não bastasse isso, a história recente do Brasil mostra um processo de segregação muito forte, principalmente após a assinatura da Lei Áurea, em 1888, quando alforriados negros se misturaram às elites brancas nos centros das grandes cidades, em busca de abrigo, trabalho e segurança. A miséria do povo levou a uma ação enérgica do Estado: higienizar as cidades, baseado no modelo francês de desenvolvimento urbano. De tal forma, a grande maioria dos pobres situada junto à região central das grandes cidades foi removida à força de suas casas e lançada à própria sorte. Mais do que nunca, sua coesão viu-se como um elemento fundamental para um recomeço.

Surge assim o lugar do povo: no alto dos morros, na periferia das cidades, nas margens dos grandes sistemas viários. Lugares marcados por estilos de vida próprios, baseados na tentativa de sobrevivência de quem os constrói. Além dos aspectos de produção deste espaço urbano por agentes socialmente excluídos, destacam-se também fortes elementos culturais vinculados principalmente ao cenário musical. No Rio de Janeiro, mais especificamente, nascem as rodas de samba e os bailes funk. Em São Paulo, canções de rap narram a luta de quem muito penou para sobreviver. Há ainda o grafite, a capoeira, o carnaval, as festas juninas. Conforme tais ocupações vão crescendo, suas práticas culturais vão ficando mais evidentes, tomando maiores proporções na escala geográfica.

A televisão, aos poucos, passa a se apropriar de elementos desenvolvidos junto à trajetória de habitantes de vilas e favelas. Um dos programas que traz tais características mais abertamente é o *Esquenta!*, comandado por Regina Casé. Assim, busca-se encontrar em sua atração elementos que poderiam caracterizar este lugar do povo. Para isso, assistiu-se a oito edições do *Esquenta!*, veiculadas entre os dias 14 de dezembro de 2014 e 01 de fevereiro de 2015. Dessas, selecionou-se quatro programas em específico por fazerem parte de uma mesma temática: o verão. Por esta via, busca-se encontrar marcas de representação do povo

em cada um dos programas. Para isso, observaram-se, além do contexto geral, os artistas convidados para cada atração, a participação e o envolvimento da plateia com o programa e as atrações apresentadas pelo *Esquentar!*, excetuando-se as apresentações musicais e as entrevistas com os convidados do programa, que se subentendem como algo previsível. Tais escolhas direcionam a descobrir se o *Esquentar!* pode ser considerado o lugar (de representação) do povo ou se se aproxima mais da espetacularização desse.

4.3.1 ARTISTAS CONVIDADOS

Os convidados de um programa de TV são extremamente importantes para a composição do mesmo. Sua participação, prevista em roteiro, ajuda a guiar a temática do mesmo. No caso do *Esquentar!*, uma atração destinada principalmente às classes populares, os convites feitos a grupos musicais, artistas ou outros profissionais buscam atingir as preferências deste público. Além disso, os convidados convergem com o assunto tratado em cada edição, muitas vezes sendo chamados para tratar de um único e específico tema durante a apresentação.

O quadro 2 apresenta os artistas e grupos musicais que participaram do *Esquentar!* nas quatro edições analisadas para este trabalho, exibidas entre os dias 04 e 25 de janeiro de 2015. Além da listagem dos convidados, são apresentadas no quadro, informações como a atuação profissional e a naturalidade ou origem de cada convidado, a fim de identificar a procedência dos participantes de cada edição.

Data de exibição	Número de convidados	Artistas/grupos convidados	Atuação profissional²²	Naturalidade/ Origem
04/01/2015	7	Beija-Flor	Escola de Samba	Nilópolis (RJ)
		Marcelo Mello Jr.	Ator (TV Globo)	Nova Iguaçu (RJ)
		Mc Xuxu	Cantora (funk)	Juiz de Fora (MG)
		Paolla Oliveira	Atriz (TV Globo)	São Paulo (SP)

²² A categoria “Atuação profissional” leva em conta a atuação profissional do convidado/grupo, ou seja, de que forma ele é reconhecido pelo grande público. No caso de atores, optou-se por acrescentar a emissora ou companhia de teatro a qual o ator é vinculado. No caso de cantores ou bandas, optou-se por adicionar a informação do gênero musical do artista/grupo. Ambos os aspectos são fundamentais para as conclusões deste trabalho.

		Rael	Cantor (rap)	São Paulo (SP)
		Tom Maior	Escola de samba	São Paulo (SP)
		Turma do Pagode	Grupo musical (pagode)	São Paulo (SP)
11/01/2015	6	Acadêmicos do Grande Rio	Escola de Samba	Duque de Caxias (RJ)
		Acadêmicos do Tatuapé	Escola de Samba	São Paulo (SP)
		Flávia Reis	Atriz (TV Globo)	Rio de Janeiro (RJ)
		Harmonia do Samba	Grupo musical (axé)	Salvador (BA)
		ImaginaSamba	Grupo musical (pagode)	Rio de Janeiro (RJ)
		Paloma Bernardi	Atriz (TV Globo)	São Paulo (SP)
18/01/2015	7	Alexandra Loras	Consulesa da França em São Paulo	França
		Cidade Negra	Grupo musical (reggae)	Belford Roxo (RJ)
		Cris Vianna	Atriz (TV Globo)	São Paulo (SP)
		Dragões da Real	Escola de samba	São Paulo (SP)
		Fabíula Nascimento	Atriz (TV Globo)	Curitiba (PR)
		Imperatriz Leopoldinense	Escola de samba	Rio de Janeiro (RJ)
		Thaeme e Thiago	Dupla musical (sertanejo)	Londrina (PR)
25/01/2015	9	Acadêmicos do Tucuruvi	Escola de samba	São Paulo (SP)

		Bruno Astuto	Jornalista	Rio de Janeiro (RJ)
		Emicida	Cantor (rap)	São Paulo (SP)
		Erikka	Cantora (pop)	Diadema (SP)
		Fernanda Paes Leme	Atriz (TV Globo)	São Paulo (SP)
		Lakers e Pá	Cantor (rap)	São Paulo (SP)
		Paralamas do Sucesso	Grupo musical (rock)	Rio de Janeiro (RJ)
		Preta Gil	Cantora (MPB)	Rio de Janeiro (RJ)
		União da Ilha do Governador	Escola de samba	Rio de Janeiro (RJ)

Quadro 2 – Convidados do *Esquentar!*, no período 04 a 25 de janeiro de 2015, sua atuação profissional e sua origem ou naturalidade

Com o objetivo de sintetizar o quadro acima, apresentam-se abaixo dois gráficos com dados quantitativos quanto à atuação profissional e à origem ou naturalidade dos convidados que participaram do *Esquentar!* no período acima mencionado.

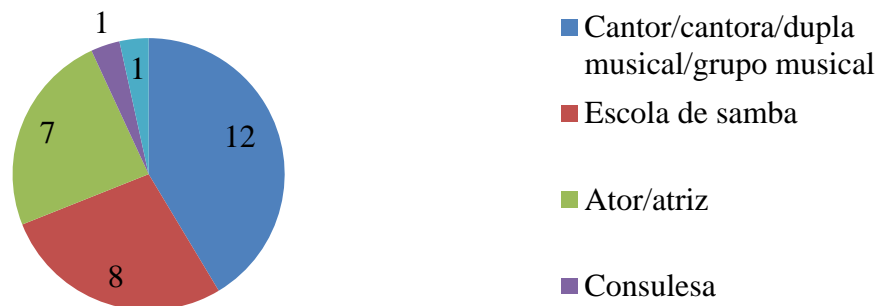


Gráfico 1 – Convidados do *Esquentar!*, no período 04 a 25 de janeiro de 2015, por atuação profissional



Gráfico 2 – Convidados do *Esquentar!*, no período 04 a 25 de janeiro de 2015, por naturalidade ou origem

Partindo das informações sobre a atuação profissional dos convidados, pode-se aferir que o programa depende muito das apresentações musicais para a sua composição. Dos 29 convidados entre os dias 04 e 25 de janeiro de 2015, 12 são cantores, duplas ou grupos musicais, o equivalente a 41% do total. É importante destacar que a temporada de verão do *Esquentar!* contou ainda com duas escolas de samba por episódio, sendo sempre uma do Rio de Janeiro e outra de São Paulo, em vistas da festa de carnaval realizada entre os dias 13 e 16 de fevereiro de 2015. Se somadas ao conjunto de convidados ligados à área musical, o número de atrações vinculadas à música sobe para 69% do total de convidados no período.

No que se refere especialmente aos cantores, duplas e grupos musicais convidados para participar do programa, nota-se, através dos dados apresentados no quadro 2, que seus gêneros musicais são bem diversos. Ritmos mais populares como o pagode e o rap aparecem com maior destaque, tendo pelo menos dois convidados de cada gênero no período analisado. Além disso, a participação de duas escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo em cada episódio grifa a importância do samba como um dos principais elementos musicais do *Esquentar!*.

Sobre as participações musicais do programa, é fundamental aferir que os convidados são, em sua maioria, nomes nacionalmente conhecidos, independente do gênero musical em questão. Apesar disso, o tempo de carreira de cada um não é um critério marcante dos convidados que se apresentam no palco do *Esquentar!*. Tanto cantores solo, duplas e grupos musicais atuantes no cenário há tempos como fenômenos da internet ou das trilhas sonoras de telenovelas da TV Globo cantam no programa. Além disso, muitos estão ligados também ao contexto da periferia como a banda Cidade Negra, da Baixada Fluminense, e os cantores Emicida e Lakers e Pá, ambos da zona norte da cidade de São Paulo.

Ainda no aspecto da atuação profissional dos convidados do *Esquenta!*, 24% são atores ou atrizes. Dos 29 participantes do programa no período, sete trabalham atuando na ficção, ou seja, quase dois convidados de cada programa são atores ou atrizes. Vale ressaltar que todos fazem parte do banco de elenco da TV Globo.

Outro elemento destacado no quadro 2, e sintetizado no gráfico 2, é a naturalidade ou origem dos convidados do programa. A grande maioria dos participantes de cada edição do *Esquenta!* é natural de São Paulo ou do Rio de Janeiro. Dos 29 convidados, entre os dias 04 e 25 de janeiro de 2015, 24 nasceram ou iniciaram sua carreira no eixo Rio-São Paulo, o equivalente a 83% do total. Os demais artistas convidados são de estados como Paraná, Minas Gerais e Bahia. Há ainda uma convidada francesa, a consulesa da França em São Paulo, que acaba por ser a única participante estrangeira a ter passado pelo palco do programa no período analisado.

A relação dos artistas convidados do *Esquenta!*, peças importantes e de grande atuação no programa, mostra que tais participantes são, basicamente, pessoas ou grupos musicais que estão em destaque na mídia ou entre os internautas. Há ainda aqueles que se enquadram em temáticas tratadas no programa e previstas no roteiro, tais como o preconceito racial, um dos assuntos da edição do dia 18 de janeiro, em que a consulesa da França e os músicos do Cidade Negra relataram casos de discriminação sofridos ao longo da vida. Ou seja, os próprios artistas são convidados para, contando suas histórias, falar sobre pautas levantadas pelo programa, a exemplo do estigma sofrido por negros e do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

4.3.2 PARTICIPAÇÃO DA PLATEIA

Assim como os artistas convidados, a participação da plateia em um programa de auditório é um importante aspecto a ser visto. Este envolvimento do público com o desenrolar do programa muitas vezes é o que dá o tom da atração. O novo estúdio do *Esquenta!* comporta, aproximadamente, 300 pessoas em seu auditório, o que limita a participação da plateia como um todo ao longo do programa. Além disso, por ser uma atração gravada, muitos cortes são realizados no processo de pós-produção, podendo assim serem excluídas cenas de participação do público.

O quadro 3 apresenta os momentos de interação com o auditório ao longo dos quatro programas analisados, transmitidos entre os dias 04 e 25 de janeiro de 2015. A participação da plateia pode ser entendida como qualquer momento de contato entre a apresentadora, Regina

Casé, e as pessoas do auditório. Inclui também situações em que integrantes do auditório são convidados a participar de alguma interação com os convidados do programa ou quando, espontaneamente, a plateia sai de seus lugares para dançar no palco.

Data de exibição	Participação da plateia
04/01/2015	Dança com o ator Marcelo Mello Jr.
	Fala sobre relacionamentos com amigos
11/01/2015	Fala sobre relacionamentos com ex-companheiros
18/01/2015	Fala sobre a Região Sul
	Fala sobre estar solteiro
	Toma banho de piscina
	Dança com os convidados do programa
25/01/2015	Interação de Regina Casé com espectadores de Roraima

Quadro 3 – Participações da plateia do *Esquenta!* no período 04 a 25 de janeiro de 2015

A partir da análise dos programas, pode-se apreender que a participação da plateia, dentro daquilo que vai ao ar, é muito limitada. Dos quatro programas analisados, há um total de oito participações do auditório, sendo uma única participação espontânea – quando alguns integrantes da plateia descem do auditório para dançar com os convidados no palco do programa. Todas as outras formas de interação do público presente com os artistas e a apresentadora mantiveram-se dentro daquilo que foi proposto para o programa.

Em três ocasiões, Regina Casé conversou com pessoas da plateia sobre relacionamentos – momentos em que essas contaram suas histórias de amor ou de decepção com ex-parceiros. Além disso, a procedência de alguns integrantes da plateia – de Roraima e de estados da Região Sul – levou a apresentadora a interagir com esses, destacando sua presença no auditório diante do resto do público que, geralmente, é proveniente da cidade do Rio de Janeiro, onde o programa é gravado.

Foram apenas três, as situações de pessoas do auditório serem convidadas a descer da plateia para ir ao palco. Em uma delas, três mulheres são convidadas a dançar junto ao ator Marcelo Mello Jr., campeão da Dança dos Famosos²³ em 2014. Em outro momento, Regina Casé convoca três mulheres solteiras a relatar a quanto tempo estão nessa situação. Outra

²³ Quadro do programa *Domingo do Faustão*, exibido pela TV Globo, em que artistas participam de uma competição de dança.

participação da plateia no palco foi o convite da apresentadora para que integrantes do auditório entrassem em uma piscina, montada na lateral do estúdio, e ficassem assistindo metade do programa dali.

Em suma, pode-se aferir que a plateia não tem liberdade de ação no programa – não pelo menos naquilo que vai ao ar. O auditório é que acaba sendo convidado para participar das atrações, o que limita a espontaneidade dos presentes. Ora, isso mostra que, mesmo aqueles que representam as classes populares no *Esquenta!*, público a qual o programa se volta, tem que obedecer à estrutura do roteiro.

4.3.3 ATRAÇÕES

Além das apresentações musicais e das conversas com convidados do programa, o *Esquenta!* é formado por outras atrações, em geral de curta duração, que também são importantes para a compreensão deste produto televisivo. Atrações que variam desde esquetes de humor, feitas pelos atores do elenco fixo do programa (Douglas Silva, Luis Lobianco e Mumuzinho), até quadros como o *Pediu pra parar, cantou*, cujo mote é uma competição musical entre escolas de samba, e *O samba ensina*, em que Regina Casé destaca trechos de sambas-enredo e um dos colaboradores do programa auxilia na interpretação das letras.

O quadro 4 apresenta as atrações observadas no programa entre os dias 04 e 25 de janeiro de 2015. Destaca-se ainda o tempo de arte de cada edição do *Esquenta!* no período, o número de blocos de cada programa e a duração de cada um. Além disso, propõe-se uma classificação das atrações apresentadas em oito tipos (carnaval, comédia, cozinha, curiosidade, diferencial, outros, quadro, superação), a fim de identificar as principais temáticas presentes na estrutura interna do programa.

Data de exibição	Duração do programa	Atrações²⁴	Tipos
04/01/2015	1h22min (em 2 blocos de 43min e 39min)	Douglas Silva (elenco fixo) se apresenta vestido de mexicano	Comédia
		Entrevista com blogueira que faz paletas mexicanas caseiras	Diferencial
		Fala sobre churrasco com a Turma do Pagode	Cozinha
		<i>Calourão</i> com ambulantes de praia (vendedores	Quadro

²⁴ Excetuam-se as apresentações musicais e as entrevistas com artistas convidados.

		de esfiha, sacolé e camarão)	
		Relatos de histórias de mestres-salas e portabandeiras	Carnaval
		<i>Pedi pra parar, cantou</i> com componentes de escolas de samba	Quadro
		Ronaldo Lemos (colaborador) comenta aplicativos para evitar o câncer de pele	Curiosidade
		Apresentação de uma família da Tom Maior envolvida com o samba	Carnaval
11/01/2015	1h20min (em 3 blocos de 20min, 42min e 18min)	Entrevista com grupo de jovens que vende sacolé	Diferencial
		Apresentação da atriz Flávia Reis interpretando a personagem Vanda da Van	Comédia
		Desfile de baianas da Acadêmicos do Tatuapé pelo palco do programa	Carnaval
		Conversa com três chavosos (pessoas ligadas ao funk que costumam vestir as meias na altura da canela)	Outros
		<i>O samba ensina</i> com Alê Youssef (colaborador) interpretando letras de sambas-enredo	Quadro
		<i>Pedi pra parar, cantou</i> com componentes de escolas de samba	Quadro
		Relatos de componentes da Grande Rio sobre o incêndio que atingiu o barracão da escola há quatro anos	Superação/ Carnaval
18/01/2015	1h17min (em 3 blocos de 26min, 30min e 21min)	Regina Casé fala sobre a Região Sul associando aos convidados presentes no programa	Outros
		Regina Casé conversa com pessoas de escola de samba que possuem profissões nada relacionadas ao samba	Carnaval
		Atriz Fabiula Nascimento (convidada) se apresenta como vendedora de sanduíche	Comédia
		<i>Pedi pra parar, cantou</i> com componentes de escolas de samba	Quadro

		Alê Youssef (colaborador) fala sobre a história do reggae	Curiosidade
		<i>O samba ensina</i> sobre o preconceito racial com a consulesa da França em São Paulo	Quadro
		Thaeme (convidada) ensaia o lançamento de um buquê de flores	Outros
		Luis Lobianco (elenco fixo) se apresenta vestido de baiana	Comédia
		Homenagem aos passistas das escolas de samba	Carnaval
25/01/2015	1h15min (em 3 blocos de 25min, 33min e 17min)	Homenagem ao aniversário da cidade de São Paulo	Outros
		Conversa com mestre de bateria que fez documentário sobre a rotina no Carnaval	Carnaval
		Cozinheiros fazem caldinho na cozinha do cenário	Cozinha
		<i>Calourão</i> com homens fantasiados de mulher	Quadro
		Conversa com integrantes de escola de samba em um barracão improvisado no estúdio	Carnaval
		Douglas Silva e Mumuzinho (elenco fixo) se apresentam vestidos como mulheres ricas	Comédia
		<i>Pedi pra parar, cantou</i> com escolas de samba	Quadro
		Luis Lobianco se apresenta vestido de carnavalesco Toma banho de piscina	Comédia
		Conversa com cadeirante que faz o curso de Moda e criou roupas com velcros	Superação

Quadro 3 – Síntese das atrações do *Esquentar!* no período 04 a 25 janeiro de 2015

O gráfico 3 ilustra as atrações dentro da proposta de classificação em oito tipos:

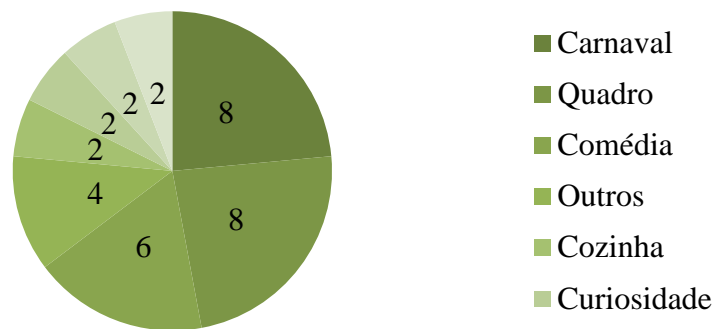


Gráfico 3 – Tipos de atrações apresentadas pelo *Esquentar!* no período 04 a 25 de janeiro de 2015

Baseado nas informações apresentadas no quadro 4, e sintetizadas no gráfico 3, é possível aferir que as atrações do *Esquentar!* são aquilo que mais se aproximam da ideia de cultura popular, de lugar do povo. Regina Casé apresenta em seu palco atrações dos mais diversos tipos e estilos, desde pessoas que se diferenciam durante o exercício de sua profissão até histórias de garra e superação, passando pelo humor e por assuntos de culinária brasileira.

Esta identificação pode ser reconhecida, inicialmente, pela vasta abordagem do carnaval no programa, uma festa considerada tipicamente popular – ainda que tenha se elitizado bastante em relação a sua origem. Os quatro programas analisados (os primeiros do ano de 2015), assim como os subsequentes transmitidos antes do período festivo, dedicaram boa parte de seu tempo para tratar dessa temática, seja através da participação de duas escolas de samba por programa ou pelo relato de histórias de passistas, baianas e mestres-salas e porta-bandeiras. O próprio *Esquentar!* possui uma forte ligação com o samba, facilmente perceptível pela composição de seu elenco fixo, formado por cinco cantores do gênero.

As histórias de superação e de atitudes que se diferenciam do padrão também contribuem para dar um caráter de popular ao *Esquentar!*. Casos de vendedores de praia que cantam para atrair clientes e aumentar as vendas ou de jovens que empreendem se diferenciando por fazer o serviço de bicicleta passam pelo palco da atração. Por mais que seu tempo de aparição na TV seja limitado a um ou dois minutos no máximo, a participação de pessoas desconhecidas no programa leva suas histórias ao conhecimento do grande público, o espectador do *Esquentar!*, que se distribui em todo o território nacional. Ou seja, o programa

acaba servindo como vitrine para pessoas que, de alguma maneira, se esforçam para se diferenciar, mas também para aqueles que superaram obstáculos.

A cozinha também aparece como parte importante do cenário do programa, aproximando-se da ideia de popular. Neste espaço, a apresentadora Regina Casé chama seus convidados para falar sobre comida ou convida pessoas de fora da equipe da atração para cozinhar no local. Nos programas analisados para a execução do presente trabalho, Casé conversou sobre churrasco com os músicos da Turma do Pagode e chamou a atriz Fernanda Paes Leme para falar sobre caldinhos (prato muito apreciado especialmente durante o carnaval). Fora isso, Casé e seus convidados têm o hábito de comer durante o programa, tanto que, parte de uma das edições, a apresentadora passou comendo picolé. A presença de temas da culinária, com destaque a pratos mais comuns, contribui para o aspecto de lugar do povo que o programa possa vir a ter. Vale lembrar também que o *Esquenta!* é transmitido durante o horário de almoço de domingo, o que cria uma relação de proximidade entre aqueles que fazem o programa com aqueles que o assistem.

Mais próximo da noção de espetáculo televisionado, os quadros do *Esquenta!* ocupam uma fatia importante do tempo total do programa. No caso específico do quadro *Calourão*, participantes cantam e dançam em busca de palmas do auditório ou do julgamento dos convidados do programa. Além disso, o quadro *Pediu pra parar, cantou* promoveu uma disputa musical entre integrantes das escolas de samba convidadas. Tudo isso voltado para garantir o envolvimento do público com os competidores, as equipes e, conseqüentemente, um envolvimento com atração. Aquém desses formatos, o quadro *O samba ensina* destacou temas da história do Brasil através das letras dos sambas-enredo de algumas escolas de samba convidadas, mostrando ao espectador o que há por trás dos sambas que são cantados durante o carnaval. Isso cria uma relação entre aquilo que é cultivado pelo povo e aquilo que há de memória dos momentos escritos na história do país.

4.3.4 INFERÊNCIAS

O *Esquenta!* é tido como um programa popularesco por ser apresentado por uma artista identificada com a periferia, composto por um elenco associado ao samba e ao pagode – gêneros musicais tradicionalmente populares da história da música brasileira – e por falar de temas tidos como “baixos” da cultura brasileira, tais como o funk, o “churrasco na laje” e o carnaval. A ele associam-se críticas de especialistas em televisão como um programa de “baixaria”, “popularesco” e “imbecilizante” (RICARDO, 2015). Por outro lado, os elogios à

atração destacam o *Esquenta!* como “uma esquina para onde conflui o melhor do Brasil” (O PRATO, 2015), “o tom certo no momento exato” (AUDITÓRIO, 2015).

Se partirmos de uma compreensão da história da televisão brasileira, recorda-se que a mesma teve início como um produto das classes sociais mais altas. Com o tempo, principalmente por meio de incentivos dados pelo regime militar, os aparelhos começaram a se popularizar. Conforme sua inserção nos lares brasileiros aumentava, maior era o acesso dos telespectadores àquilo que a televisão transmitia. Novelas, seriados, programas de auditório levavam às famílias “lugares desconhecidos, distantes, envoltos em uma atmosfera de sonho, que o novo invento colocaria definitivamente na casa daqueles que ‘comodamente’ sentassem diante da televisão.” (RIBEIRO, 2010, p. 22).

A cultura popular, que saiu do centro das concentrações urbanas e subiu os morros ou se adensou na periferia das grandes cidades, também passou por este movimento de ter a sua imagem retratada na televisão. Isso porque o público que a produzia estava em larga ascensão, sendo necessário atraí-lo também para garantir a sua presença diante da telinha. Assim, o funk, o samba, o pagode, o cotidiano de luta e sobrevivência das grandes vilas e favelas conquistam um espaço não só na televisão, mas na agenda cultural dos núcleos urbanos brasileiros, como produtos culturais cada vez mais apreciados. A cultura popular

deixa de estar acantonada numa geografia restritiva e encontra um palco multitudinário, graças às grandes arenas, como os enormes estádios e as vastas casas de espetáculo e de diversão e graças aos efeitos ubiqüitários trazidos por uma aparelhagem tecnocrônica multiplicadora. (SANTOS, 2012, p. 320).

Um destes palcos da cultura popular é o *Esquenta!* que, em sua uma hora de programa, leva ao grande público pelo menos uma fração deste lugar do povo. Claro que esta inserção não ocorre de forma espontânea, natural, partindo da participação da plateia ali presente. Como visto nos quadros acima, grande parte daquilo que vai ao ar está previsto em roteiro, sendo, portanto, apenas um recorte desta cultura popular, um fragmento que passou pelo aval da direção, dos roteiristas e da apresentadora. Ainda assim, algo que não exime por completo, o *Esquenta!* de ser considerado um dos lugares do povo. Não por ele construído, mas por ele identificado, afinal “o *Esquenta!* tem uma coisa de amor. Saiu na rua, e as pessoas me dão cada abraço, cada beijo, cada sorriso. Elas se sentem muito representadas.” (ACOMPANHAMOS, 2015)²⁵.

²⁵ Fala da apresentadora Regina Casé ao jornal *O Globo*, em reportagem sobre o programa na edição do dia 21 de abril de 2013.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espetáculo ou lugar do povo? Essa simples pergunta foi essencial para problematizar um programa duramente criticado por muitos críticos televisivos, mas também muito venerado por seus fãs. O *Esquenta!*, assim como outros programas de auditório, possui muitas características que o marcam como um espetáculo. Muitos números musicais, artistas da própria TV Globo convidados para divulgar seus trabalhos, quadros que mostram as mais diversas facetas dos integrantes da plateia para garantir o riso do telespectador e dos presentes. Além disso, uma atração com um roteiro estritamente fechado com poucas interações da plateia e muitas improvisações partindo apenas dos convidados, especialmente dos componentes do elenco fixo.

Analisando o programa desta forma, poder-se-ia inferir que o *Esquenta!* é realmente um programa-espetáculo, cujos fins únicos seriam o de atrair audiência e garantir a distração do telespectador, mas ele não se limita a isso. A começar pela composição do elenco fixo do programa, feita por cantores de samba e pagode e pessoas que fizeram sucesso através de vídeos na internet – juntos, os oito, formam a chamada “roda de samba”. Além disso, os temas abordados em cada edição levantam os mais diversos assuntos, desde o preconceito racial até a união entre pessoas do mesmo sexo, passando por inclusão social e estilos de vida da periferia. Não bastasse isso, Regina Casé leva ao seu programa, histórias de superação, de pessoas que não estavam em um momento fácil da vida e, mesmo assim, conseguiram emergir. Claro que isso é uma das características do espetáculo, o ato de emocionar o público. Mas nem sempre tais relatos são dramáticos ou enfadonhos. Pessoas que se diferenciam por venderem seus produtos de uma forma diferente ou que promovem o bem a outras pessoas também têm espaço na atração.

Mesmo com tantas características que o aproximam da noção de espetáculo, são as inserções de personagens e histórias típicos do povo que dão ao *Esquenta!* o caráter de popular. Marcas que permitem a autoidentificação daqueles telespectadores cujo foco do programa se volta e que, por isso, fazem com que o *Esquenta!* possa ser tido como um lugar do povo. Não por ele construído, mas por ele legitimado. Afinal de contas, o lugar só se torna lugar quando reconhecido por aqueles que o vivenciam. E é esse reconhecimento, garantido pela mistura de pessoas e histórias contadas no programa, que torna o palco do *Esquenta!* um exemplo de lugar do povo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Karen C. K.; SILVA, Rodolfo S. da. **História e tecnologias da televisão**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2015.
- ACERVO Abril. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.
- ACERVO Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.
- ACOMPANHAMOS um dia de gravação do *Esquenta!*, que passa a ser fixo na grade da globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/acompanhamos-um-dia-de-gravacao-do-esquenta-que-passa-ser-fixo-na-grade-da-globo-8166830>>. Acesso em: 15 de junho de 2015.
- ARANTES, Antonio A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- AUDIÊNCIA de televisão. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/relacionamento/duvidas-frequentes/Paginas/Audiencia-de-televisao.aspx>>. Acesso em: 11 de junho de 2015.
- AUDITÓRIO pós-Chacrinha. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauriciostycer/1224241-auditorio-pos-chacrinha.shtml>>. Acesso em: 06 de maio de 2015.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos: um Hausmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRAUNE, Rixa & Bia. **Almanaque da TV**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CANCLINI, Néstor G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ELLWEIN, Thomas. Federalismo e autonomia administrativa: unidade para forma, diversidade para dentro. Um grande triunfo da história alemã. **Revista Deutschland**. São Paulo, n. 2, abr. 1996, p. 44.
- ESQUENTA!*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquenta!>>. Acesso em: 06 de maio de 2015.
- ESQUENTA!*: Regina Casé estreia nova temporada do programa no dia 11. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2011/12/esquenta-regina-case-estreia-nova-temporada-do-programa-no-dia-11.html>>. Acesso em: 11 de junho de 2015.
- ESTREIA do *Esquenta!* marca 17 pontos de audiência na Globo. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2011/01/03/estreia-do-esquenta-marca-17-pontos-de-audiencia-na-globo.jhtm>>. Acesso em: 06 de maio de 2015.
- FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.
- FREIRE FILHO, João. Memórias do mundo cão: 50 anos de debates sobre o “nível” da TV no Brasil. In: LOPES, Maria Immacolata V.; BUONNANO, Milly (Orgs.). **Comunicação social e ética: Colóquio Brasil-Itália**. São Paulo: Intercom, 2005.
- GLOBO.TV. Disponível em: <<http://globo.tv/globo.com/rede-globo/esquenta/integras/>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.
- GSHOW. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/esquenta/>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.
- GUIMARÃES, Pedro P. **Configuração urbana: evolução, avaliação, planejamento e urbanização**. São Paulo: ProLivros, 2004.
- HALFOUN, Eli. O grotesco na TV. **Última Hora**, Caderno 2 (vespertino), Rio de Janeiro, p. 3, 05-11 set. 1968.
- IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.
- JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2001.
- JOFFILY, Bernardo. **Atlas Histórico IstoÉ Brasil**. São Paulo: Três, 200-.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. São Paulo: Gente, 2014.

MEMÓRIA Globo. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/>>. Acesso em: 01 de junho de 2015.

MIRA, Maria Celestre. **Circo eletrônico: Sílvio Santos e o SBT**. São Paulo: Loyola/Olho D'Água, 1995.

MONTEIRO, Denilson; NASSIFE, Eduardo. **Chacrinha: a biografia**. São Paulo: Leya Brasil, 2014.

MUNDO cão, não. **Veja**, São Paulo, p. 76, 25 set. 1968.

O PRATO cheio que a TV serviu em 2012. Disponível em: <<http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/critica/noticia/2012/12/o-prato-cheio-que-tv-serviu-em-2012.html>>. Acesso em: 06 de maio de 2015.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PESQUISA brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014.

REGINA CASÉ. Disponível em: <<http://www.reginacase.com.br/>>. Acesso em: 16 de junho de 2015.

REGINA CASÉ ENTREVISTA o presidente Lula para o *Esquenta!*. Disponível em: <<http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/regina-case-entrevista-o-presidente-lula-para-o-esquenta/2010/12/21-93993.html>>. Acesso em: 06 de maio de 2015.

REGINA CASÉ ESTREIA *ESQUENTA!* na Globo. Disponível em: <<http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/regina-case-estreia-esquenta-na-globo/2011/01/02-93691.html>>. Acesso em: 06 de maio de 2015.

REGINA CASÉ ESTREIA PROGRAMA de auditório que ficará no ar até o fim do verão, na Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/regina-case-estreia-programa-de-auditorio-que-ficara-no-ar-ate-fim-do-verao-na-globo-2903453>>. Acesso em: 06 de maio de 2015.

REGINA CASÉ LEVA Dilma Rousseff a centro de reabilitação e fala sobre saúde. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/esquenta/O-Programa/noticia/2012/12/regina-case-leva-dilma-rousseff-centro-de-reabilitacao-e-fala-sobre-saude.html>>. Acesso em: 15 de junho de 2015.

REGINA CASÉ SE FIXA na Globo com um *Esquenta!* dinâmico. Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/tv/regina-case-se-fixa-na-globo-com-um-esquenta-dinamico,10c5932bf799b310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 16 de junho de 2015.

RIBEIRO, Ana P. G.; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs.). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

- RICARDO Feltrin: TV aberta vive nova onda de “baixaria”. Disponível: <<http://atarde.uol.com.br/cultura/televisao/noticias/ricardo-feltrin-tv-aberta-vive-nova-onda-de-baixaria-1612389>>. Acesso em: 06 de maio de 2015.
- SANTOS, José L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2012.
- SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesto: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- STRINATI, Dominic. **Cultura popular: uma introdução**. São Paulo: Hedra, 1999.
- TABAK, Israel. Televisão, subcultura a serviço da alienação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 20, 16 jun. 1968.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TUDO sobre TV. Disponível em: <<http://www.tudosobretelevision.com.br/>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.
- VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 44, out. 2000, p. 5-34.